



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

JOSE ROBERTO DOS SANTOS SILVA

**NEGRITUDE: UMA PROPOSTA DE CONTRIBUIÇÃO DA OBRA
“QUILOMBISMO” DE ABDIAS NASCIMENTO ÀS RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**SÃO CRISTOVÃO/SE
2023**

JOSE ROBERTO DOS SANTOS SILVA

**NEGRITUDE: UMA PROPOSTA DE CONTRIBUIÇÃO DA OBRA
“QUILOMBISMO” DE ABDIAS NASCIMENTO ÀS RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Adriano Godoy de Campos.

**SÃO CRISTÓVÃO/SE
2023**

JOSE ROBERTO DOS SANTOS SILVA

**NEGRITUDE: UMA PROPOSTA DE CONTRIBUIÇÃO DA OBRA
“QUILOMBISMO” DE ABDIAS NASCIMENTO ÀS RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Adriano Godoy de Campos

COMISSÃO EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Adriano Godoy de Campos

Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr.
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Me.
Universidade Federal de Sergipe

São Cristóvão, _____ de _____ de 2023.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a contribuição da obra "Quilombismo" de Abdias Nascimento para as Relações Internacionais, através da perspectiva do autor no pan-africanismo. A pesquisa é qualitativa e baseada em pesquisa bibliográfica utilizando o método hipotético-dedutivo. Sua natureza é exploratória, buscando embasar as concepções de vários autores sobre o tema em questão. A pesquisa está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, apresenta-se um breve resumo da história de vida de Abdias Nascimento, uma parte importante para entender sua participação nos movimentos negros. No segundo capítulo, explora-se o conceito de quilombismo e a construção da obra em meio seu exílio, e também as influências que a permeiam. Por fim, o último capítulo reproduz a historicidade do pan-africanismo e a conexão de Abdias Nascimento dentro da comunidade internacional entre os Estados Unidos e alguns países africanos, destacando suas participações em várias palestras com assuntos antirracistas durante seu exílio.

Palavras-chaves: Abdias Nascimento; Quilombismo; Autoexílio; Pan-africanismo; Relações internacionais.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze the contribution of the book "Quilombismo" by Abdias Nascimento to International Relations, through the perspective of the author in Panafricanism. The research is qualitative and based on bibliographical research using the hypothetical-deductive method. Its nature is exploratory, seeking to base the conceptions of several authors on the subject in question. The research is divided into three chapters. In the first chapter, a brief summary of the life story of Abdias Nascimento is presented, which is important to understand his participation in the black movements. In the second chapter, the concept of quilombismo and the construction of the work in the midst of its exile are explored, as well as the influences that permeate it. Finally, the last chapter reproduces the historicity of Pan-Africanism and Abdias Nascimento's connection within the international community between the United States and some African countries, highlighting his participation in various lectures on anti-racist issues.

Keywords: Abdias Nascimento; Quilombismo; autoexílio; Panafricanism; International relations.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste estudo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer aos meus pais, Acrizio Alves da Silva e Maria Josefina dos Santos Silva, pois, eles, mesmo sem entender bem o que é universidade, mesmo assim incentivavam a estudar, pois eles achavam lindo ter um filho que gostasse de estudar. Mesmo sem condições financeiras de comprar um caderno, faziam de tudo para comprar e o projeto bolsa família de Luiz Inácio Lula da Silva ajudou muito nesse momento de formação educacional.

Também quero agradecer aos meus irmãos que são oito e meus sobrinhos, pois vocês participaram e sempre incentivaram a continuar estudando mesmo nos momentos difíceis dos estudos, principalmente minha irmãs Maria Aparecida Alves da Silva e Josivania Alves da Silva.

Ao meu companheiro de luta que está sempre do meu lado nas situações boas e ruins, e também sempre incentivava a entrada e o término da minha graduação e toda a família dele, principalmente aos pais que sempre ligam e perguntam se eu já se formei.

Também ao meu orientador Prof. Dr. Geraldo Adriano Godoy de Campos por ter paciência e ter aceitado construir meu tema de conclusão de curso, minha gratidão. E também meus professores que me guiaram em toda minha graduação. Lucas, Barbara, Thiago, Erica, Corival, Rodrigo.

Por fim, quero agradecer a todos meus amigos que me acompanharam desde da infância até a faculdade e os dias atuais, por exemplo: Ângelo, Vanesa, Raphael, Edivaldo, Anderson, Jaqueline, Maria Leonice, Weven, Juliane, Mylly, José Genilson, Cleiton.

EPÍGRAFE

Minha luta diária é para ser reconhecida
como sujeito, impor minha existência
numa sociedade que insiste em negá-la.

Djamila Ribeiro

LISTA DE QUADROS/TABELAS

QUADRO 1 -	Participações em eventos nacionais e internacionais	24
-------------------	---	----

LISTA DE FIGURAS/GRÁFICOS

FIGURA 1 -	Símbolo que representa o Quilombismo	26
-------------------	--	----

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	CAPÍTULO I: BREVE BIOGRAFIA DE ABDIAS DO NASCIMENTO	16
1.1	NASCIMENTO E FORMAÇÃO EDUCACIONAL	16
1.2	CONSCIENTIZAÇÃO SOCIAL, RACIAL E SUAS PARTICIPAÇÕES POLÍTICA	17
1.3	SUAS CRIAÇÕES ARTÍSTICAS E SUAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS	20
1.4	PARTICIPAÇÕES EM EVENTOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS	25
2	CAPÍTULO II: QUILOMBISMO (CONCEITO/OBRA)	26
2.1	HISTORICIDADE DA OBRA QUILOMBISMO	26
2.2	CONEXÃO COM O INTERNACIONAL	27
3	CAPÍTULO III: PAN-AFRICANISMO E ABDIAS NASCIMENTO	41
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56

1 INTRODUÇÃO

É reconhecida a importância do Brasil no sistema internacional, seja no aspecto econômico, seja nas relações diplomáticas que estabelece com outros países. Contudo, a percepção do que somos, enquanto país, para comunidade internacional, é imbuída, majoritariamente, por pessoas “brancas” para pessoas de igual condição. O que acaba restringindo uma visão plural da nossa sociedade, pois, no Brasil, a maioria da população é formada por pardos e pretos. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2018, 56% da população se autodeclara de negros. Com base nessa informação, em que os negros são maioria, por que existem poucos autores negros como referências dentro do curso de Relações Internacionais?

Ora, vivemos num mundo globalizado, marcado por acirradas questões identitárias, políticas, sociais e desafios cada vez mais complexos para esta e as próximas gerações. Nesse sentido, dentro da temática do movimento negro, das violências, sentidos e representações em torno do lugar marginal, subalterno e invisível instituídos historicamente ao negro, pensamos, na condição de sujeitos partícipes dessas relações, em contribuir de alguma forma, teoricamente, enquanto frequentadores do espaço privilegiado do saber que é a universidade.

Nos meados de 2019 e 2020, comecei a ter contato com os estudos do movimento negro, conheci algumas referências de autores negros brasileiros e internacionais, Abdias do Nascimento, Carolina de Jesus, Lélia Gonzáles, Milton Santos e Ângela Davis, fiz alguns trabalhos na disciplina de Política Externa do Brasil, com o tema o movimento negro e a política externa do Brasil, visto que o movimento negro e as pautas raciais tinham participações em alguns governo e outros não, daí então comecei adentrar da literatura de pessoas negras e comecei a questionar porque as relações internacionais não tem referencias teóricas de pessoas pretas em sala de aulas, percebe que dentro da grade curricular de Relações Internacionais e majoritariamente euro-centrada.

Relações Internacionais, define-se “como uma disciplina uma multidisciplinar por se consistirem em uma disciplina orientada em torno de diversos eixos temáticos das ciências sociais, destacando-se como as principais a ciência política, a economia, a história e o direito” (PECEQUILIO, 2012, p.19). Ao pensar através dessas perspectivas de multidisciplinaridades das Relações Internacionais, as áreas

são diversas, mas algumas predominam a ciência política e economia, com isso, pensamos em trazer pensadores negros para dentro de curso, e assim perpetuar representatividade dentro do campo de Relações Internacionais, construindo assim, temáticas que abordem a negritude nas pautas do curso.

Ao estudarmos Relações Internacionais (RI), nos deparamos com a realidade refletida no espelho, que evidencia a escassez de autores negros abordados nas disciplinas. Esse fato levantou duas questões imediatas: a primeira relacionada à suposta falta de relevância teórica do pensamento desses autores e a segunda, um reflexo da persistente colonialidade do conhecimento na academia (SANTOS, 2009).

A partir da constatação da segunda hipótese durante as leituras do curso de Relações Internacionais, nosso objetivo é desenvolver um estudo sobre as perspectivas internacionais presentes na obra "Quilombismo" de Abdias Nascimento, sobre a qual este projeto se debruça. Para isso, enfatizamos a importância de considerar as experiências internacionais desse autor e demonstrar como elas são relevantes para o campo dos estudos em RI.

O objetivo desta pesquisa é problematizar a importância da presença de autores negros na área de Relações Internacionais, levando em consideração a necessidade de uma perspectiva mais diversa e inclusiva. Se obtivermos sucesso, este empreendimento pode ajudar a preencher a lacuna de autores negros estudados no curso de RI, conforme mencionado anteriormente.

Nesse sentido, o projeto tem reflexões voltada para pensamentos de autores negros, no sentido de se opor ao *status quo* de invisibilidade atribuído às possibilidades de presença do negro, indistintamente, dado que se normaliza que nossas ideias sejam engendradas, moldadas, a partir dos pensamentos dos colonizadores. É assim que, pela falta de representatividade de pensadores negros, o projeto visa mostrar um pensamento voltado a dar uma perspectiva do que seria o internacional afro-latino-americano, elencando as contribuições de Abdias Nascimento, o qual contribuiu para o processo de se pensar de uma ótica descolonizada do internacional.

O objetivo geral é identificar perspectivas internacionais do autor Abdias do Nascimento na obra *O quilombismo - documentos de uma militância Pan-africanista* (2021). Já o objetivo específico tem-se um breve resumo biográfico de Abdias do nascimento; leitura da obra *O quilombismo - documentos de uma militância Pan-africanista* (2021); definir o conceito Quilombismo a partir da visão de Abdias do

Nascimento; buscar como Nascimento criou sua conexão com internacional através do pan-africanismo.

Ao pensar na emergência da discussão de questões de diversidade dentro das ciências sociais, nesse momento que estamos vivendo, a luta identitária é uma pauta de extrema importância para as Relações Internacionais.

Ao observar na grade curricular eletiva do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal Sergipe (UFS) percebi que o foco do curso estava direcionado ao estudo de resoluções dos conflitos e a teoria predominante para explicar esses conflitos seria o realismo com alguns deles são (CARR, 1939; KEOHANE, 1986; WALTZ, 1979; MEARSHEIMER, 2001; MORGENTHAU, 2006).

No entanto, na atualidade “não existem” conflitos de tamanhas proporções, iguais a da I e II Guerra Mundial, mas outras modalidades de conflitos e mais Soft Power, por esse motivo a importância de estudos sobre a representatividade nas grades curriculares.

Além destas lacunas que geraram a oportunidade do projeto, existe a motivação pessoal, pois percebe-se que no curso de Relações Internacionais, existem poucas referências acadêmicas de autores negros, sendo assim mais um motivo para dar continuidade da elaboração do projeto de pesquisa.

O projeto tem por foco, portanto, representar os autores negros brasileiros na América Latina, visando uma perspectiva mais afro-latina americana nas relações internacionais dos países periféricos, trazendo assim uma visão decolonial através de autores negros brasileiros.

Como um incentivo a mais que ratifica a importância do projeto, observou-se que este é pioneiro a abordar perspectivas de autores negros nas relações internacionais contribuindo assim para futuras pesquisas na área para incrementar outros estudantes de Relações Internacionais a pensar num viés afro-latino-americano.

O autor foi escolhido por causa da grande relevância de luta antirracista no Brasil, Abdias do Nascimento, além de mostrar uma perspectiva negra da realidade brasileira escravocrata, retirando assim a ideia da democracia racial.

O presente estudo tem o propósito de trazer perspectivas internacionais do autor Abdias Nascimento na luta Pan africanista para as Relações internacionais, o primeiro passo para direcionar a pesquisa, tentou-se compreender as vivências do

autor a partir da sua biografia, para entender quais foram as experiências de vida dele desde o nascimento até sua vida política.

A metodologia trata-se de um estudo hipotético-dedutivo com a natureza qualitativa e exploratória. Usaremos da leitura da obra *O Quilombismo - documentos de uma militância Pan-africanista* (2021), procurando identificar no texto analisado a relação entre as vivências e perspectivas internacionais na obra de Abdias do Nascimento.

A revisão bibliográfica desempenha dois objetivos: no primeiro lugar, construir um resumo biográfico de Abdias do Nascimento; e em segundo lugar, definir categorias importantes para a pesquisa. Os dados necessários foram coletados a partir do livro "O Quilombismo".

Durante a leitura da obra, foi dada especial atenção para a identificação de referências sobre às perspectivas e experiências internacionais presentes no discurso do autor. É importante destacar, que as categorias relevantes para a pesquisa já foram definidas na revisão bibliográfica.

Dessa forma, o trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, apresenta-se uma breve biografia de Abdias do Nascimento. O segundo capítulo aborda a definição do conceito de quilombismo e sua historicidade. Por fim, o terceiro capítulo traça um breve histórico sobre o pan-africanismo, bem como algumas das contribuições de Nascimento e de outros pensadores para esse movimento.

CAPÍTULO I - BREVE BIOGRAFIA DE ABDIAS DO NASCIMENTO

Neste capítulo tem-se um breve resumo biográfico de Abdias do Nascimento, desde o nascimento, formação educacional, conscientização política e raciais, participações políticas, suas criações artísticas e suas produções acadêmicas e suas participações em congressos internacionais.

1.1 NASCIMENTO E FORMAÇÃO EDUCACIONAL

Abdias Nascimento nasceu no dia 14 de março de 1914 e teve uma pequena parte de sua vida em Franca, interior de São Paulo. Sendo o segundo filho de dona Josina, nasceu destituído de recursos num período no qual o ensino estava voltado para as elites econômicas brancas. Em tal condição, ingressou aos 7 anos na Escola Coronel Francisco Martins (POLICE, 2000).

Durante os primeiros anos da sala de aula de Nascimento, alunos e professores vivenciaram pela primeira vez o preconceito existente contra os negros. Existiam tratamentos desiguais nas instituições de ensino regular. Essa posição é ainda reforçada pelo fato de Abdias ter nascido apenas 27 anos após a Abolição da escravidão em 1888. Nesse caso, sabe-se que a cadeia social brasileira de 1914 ainda está intimamente relacionada com a crise global de 1929 conhecida como a grande depressão, como por exemplo, com a história de discriminação, racismo, apartheid e exploração de afrodescendentes.

A mãe de Nascimento era conhecida como uma grande doceira da cidade e o pai, José Ferreira do Nascimento, nasceu em uma região chamada Pedregulhos, uma pequena cidade que era vizinha de Franca, interior do estado de São Paulo. Ele era um filho considerado ilegítimo de um português que era comerciante na região de Formiga (MG), cuja mãe era negra, a qual se chamava Georgina Ferreira Nascimento, moradora de Uberaba (MG). O pai dela se chamava Laureano Antônio do Vale e ele era conhecido como "Seu Bem-Bem", músico e sapateiro na cidade, que no futuro se tornaria chefe da Orquestra Municipal de Franca, bem famosa por suas produções.

Abdias se desenvolveu numa família humilde, afetuosa e organizada, porém a classe social dele era pobre. Formou-se em contabilidade pelo Ateneu Francano em 1929. Pereira (2006) questiona que Nascimento apenas conseguiu estudar nessa

escola devido à intervenção da mãe com o prefeito de Franca (SP), o qual lhe arranhou uma bolsa de estudos para Abdias. Nesse período, mesmo diante das dificuldades de encontrar uma conciliação para trabalhar e estudar, desempenha algumas funções como entregador de pão, leite e carne nas casas das pessoas que tinham um pouco de condições financeiras e também vai trabalhar em um consultório como atendente. Conforme Police (2000) descreve, é neste momento em que Abdias tem seus primeiros contatos com a literatura, lendo desde Flaubert (1821-1880) a Euclides da Cunha (1866-1909). Tal contato com a literatura só era possível com ajuda do médico para quem ele trabalhava, a partir disso ele cedia sua biblioteca para estudos (NASCIMENTO, 2011).

Ainda relacionado à formação inicial de Nascimento e seus primeiros contatos com a literatura, vale destacar que “é difícil falar, no caso de nosso autor, de uma formação intelectual livresca bem delineada. Mesmo ao se referir aos anos subsequentes, em que fazia o curso de economia, ele não cita autores que lia” (MACEDO, 2005, p. 34).

1.2 CONSCIENTIZAÇÃO SOCIAL, RACIAL E SUA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

Em 1930, Abdias tinha 16 anos, sem condições de morar na cidade de Franca foi se alistar no Exército como voluntário e passou a viver em São Paulo desde então. Após o alistamento, começa a conhecer as regras e segui-las e, com isso, começa a perceber as relações raciais no exército. Não por acaso,

[...] a carreira militar descortinou para Abdias a primeira percepção de como funcionava as relações raciais no Brasil. Ele percebeu que existia um racismo camuflado, velado entre a ridicularização de tudo aquilo que o negro produzia e a tolerância paternalista para com os negros engajados no serviço militar. O tratamento diferenciado entre os negros e os brancos apenas refletiam o funcionamento da sociedade brasileira (PEREIRA, 2011, p. 14).

Quando Abdias estava no Exército, a função dele foi de combatente aos revolucionários constitucionistas, em 1930 e 1932. No mesmo ano, conheceu Sebastião Rodrigues Alves, negro como ele, com quem construiu uma grande amizade no decorrer do tempo e juntos enfrentaram os problemas da vida e o racismo dentro da grande sociedade paulistana. Com uma grande rejeição da sociedade racista da época, Nascimento e Rodrigues Alves foram submetidos à

exclusão imposta pela elite paulista. Nessa época, ocorreram expulsões de bares e estabelecimentos comerciais. Conforme (NASCIMENTO, 2011, p. 33) relata:

[...] aquilo era apenas a repetição de tudo aquilo que eu já sentia há muito tempo, que era ser excluído, ser enxotado de muitos lugares...muitos lugares não entravam negros, sobre tudo em São Paulo. Eu e Rodrigues diariamente, toda hora estávamos sendo vítimas de desse tipo de injustiça.

Mesmo com o constante confronto com sua situação social, Abdias passou 6 anos no quartel. Apesar das dificuldades durante sua estadia, ele conquistou diversos cargos no Exército, primeiro obteve a patente de recruta de artilharia pesada, cabo e assistente de serviço administrativo, cargo adquirido em virtude de seu nível de educação, que era maior do que outros soldados.

Em meados da década de 1930, o Brasil foi marcado pelas grandes mudanças na conjuntura política e configurou-se como um divisor da história nacional alterando todo o ambiente educacional, econômico, social e intelectual do país. Com o fim da República Velha, a ascensão da política do "Café com Leite" fortalece as oligarquias, com os ideais de Getúlio Vargas e também acontecendo a "Grande depressão" econômica de 1929, as quais estarão em foco na discussão sobre os rumos do país na época.

Na mesma direção, diferentes organizações sociais começaram a surgir no Brasil, exigindo melhorias e equidade nas diferentes camadas do país. Diante disso, os movimentos negros começam a lutar contra o racismo.

Com isso, Abdias entrou em duas Organizações: a Frente Negra Brasileira (FNB) e a Aliança Integralista do Brasil (AIB). O FNB era uma organização que foi estabelecida oficialmente em 1931, porém, a primeira mobilização de sua data de criação é de em 1915, ano em que surgiram os primeiros "periódicos informativos e entidades recreativas nas quais os negros se reuniam" (MACEDO, 2005, p. 41). Conhecida como "a frente", ela tinha atitudes fortes destinadas a combater o racismo e o apartheid impostas pela sociedade da época.

A Aliança Integralista Brasileira (AIB) foi criada em 1932 para divulgar o Manifesto Integralista escrito por Plínio Salgado. Tanto o movimento integralista quanto a Frente Negra Brasileira têm características semelhantes, e seus integrantes desenvolveram ativismo e conexões políticas em ambas as instituições. A base da aliança do Integralismo surgiu com alguns princípios básicos, entre eles o

nacionalismo, a revolução estética proposta pelo Modernismo e renovação espiritual. A participação de Nascimento foi contestada pelo movimento negro e, segundo o historiador Petrônio Domingues (2007), o movimento Aliança Integralista Brasileira (AIB) defendia um Estado integral, autoritário, nacionalista e anticomunista e que era um difusor do fascismo no Brasil e com isso prejudicava os trabalhadores.

Naquela conjuntura, Abdias tornou-se membro da Aliança Integralista Brasileira em 1933, atraído, em suas próprias palavras, pelas “lutas nacionalistas e anti-imperialistas”, como afirma Macedo (2005), em uma citação de Nascimento (1976, p. 30, grifo próprio):

As lutas nacionalistas e anti-imperialistas, a oposição do capitalismo e à burguesia, foram os temas que me atraíram para as fileiras integralistas. Etapa importante da minha vida. No integralismo foi onde pela primeira vez comecei a entender a realidade social, econômica e política do país e as **implicações internacionais que o envolviam**.

Diante do citado acima, especula-se que a participação de Abdias Nascimento na Aliança Integralista Brasileira teve uma influência importante na formação de sua percepção do internacional. Outro ponto bastante importante é que no ano de 1932, enquanto lutava na revolução constitucionalista, Nascimento conheceu a Legião Negra que era “nome dado aos batalhões compostos somente por negros e que atuaram nos conflitos de 1932, em São Paulo. A Legião era formada por indivíduos que se desligaram da Frente Negra Brasileira pelo fato de a entidade se posicionar de maneira neutra em relação ao movimento revolucionário” (MACEDO, 2005, p. 41).

Conforme Macedo (2005), Abdias não poderia participar de manifestos políticos pois o Exército o limitava:

Nascimento evidencia as limitações impostas pelo Exército para que ele se envolvesse em questões políticas, ao mesmo tempo em que afirma um certo flerte com o comunismo dizendo que “era muito arriscado participar nos movimentos de reivindicação negra, porque soldado está proibido de se meter em política ou qualquer atividade de cunho social (MACEDO, 2005, p. 43).

Ele contribui distribuindo exemplares do Lanterna Vermelha, jornal comunista clandestino, e funda um jornalzinho, O Recruta, que chegou a circular por alguns números (NASCIMENTO, 1976, p.29). O período de 1936 a 1944 foi um divisor de águas na trajetória de Abdias, marcando a transição entre períodos de inquietação e

maturidade intelectual na sua trajetória militante. Em 1940 ele começou a sua produção intelectual, sendo que grande parte eram artigos, os quais publicava em algumas revistas da época (Diário Trabalhista, Folha Carioca, Folha do Rio, Quilombo, A Situação, Diário do Rio, O Jornal e o Sol), de revistas (Senzala, Vamos Ler, The Crisis e Himalaya) e alguns manuscritos inéditos (MACEDO, 2005).

Essa fase trouxe fatos extraordinários para Nascimento, como duas prisões, uma viagem pela América Latina, a fundação do Teatro Sentenciado e a criação do Teatro Experimental Negro (TEN).

1.3 SUAS CRIAÇÕES ARTÍSTICAS E SUAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS

Em 1936, Nascimento foi expulso do Exército sob a acusação de violações disciplinares, subversão e confrontos com delegados e policiais. Em decorrência desse acontecimento e da crescente intolerância ao movimento negro, Nascimento mudou-se com Rodríguez Alves para o Rio de Janeiro, onde desenvolveria amplamente seu trabalho intelectual. Nesse novo espaço, ele foi exposto a novas realidades sobre a cultura negra, uma cidade onde a ética religiosa e cultural dos afrodescendentes é assimilada de forma mais ampla. Os participantes do movimento negro no estado de São Paulo eram tratados como marginais. Porém, o Rio de Janeiro era mais aceitável conforme Pereira (2011):

[...] os negros estabeleceram formas diferenciadas com a sua cultura através, principalmente, de seus terreiros de candomblés e isso foi uma nova perspectiva para Abdias do Nascimento, pois em São Paulo a reação era mais instintiva contra a discriminação e se dava através de um enfrentamento direto, de uma atitude de guerra, sem outro fundamento que não fosse a justiça, os direitos do cidadão. No Rio de Janeiro Abdias pode entrar naquilo que para ele era outra dimensão da cultura negra, outra forma de intelectualidade, ele entrou naquilo que seria a alma negra e pode compreender as tradições culturais africanos com mais profundidades (PEREIRA, 2011, p. 15).

Diante das dúvidas que Abdias tinha sobre a identidade sociocultural dele, é importante destacar que, embora tenham sido encontradas novas dimensões de sua identidade nas suas questões culturais, principalmente na religiosa, ele era filho de pai católico e mãe espírita, e sua formação religiosa foi baseada em princípios cristãos.

Também no Rio de Janeiro, Abdias concluiu o curso de Economia, que iniciou na Escola Alves Penteadado, em São Paulo, Escola de Administração e Finanças, posteriormente foi transferido para o Rio de Janeiro e concluiu o curso na faculdade de Economia (PEREIRA, 2011).

Em 1944, fundou o Teatro Experimental Negro (TEN), no Rio de Janeiro, entidade que derrubou as barreiras raciais no teatro brasileiro. É a primeira entidade afro-brasileira a vincular a luta dos negros pelos direitos civis e humanos à recuperação e valorização do patrimônio cultural africano. O TEN denunciou a segregação racial dos teatros brasileiros, especialmente a prática de pintar atores brancos negros para papéis teatrais, proporcionando aulas de alfabetização e cultura geral para seus integrantes: empregadas domésticas, trabalhadores e trabalhadoras, desempregados e diversos servidores públicos. Formou a primeira geração de atores negros e facilitou a criação de uma peça que focava na cultura e nas experiências de vida dos afro-brasileiros.

Sob o comando de Abdias, o grupo TEN organizou o Convenção Nacional Negro (Rio de Janeiro/São Paulo, 1945-46), que propôs à Assembleia Nacional Constituinte a inclusão de um dispositivo constitucional que define a discriminação racial como crime contra a pátria e uma série de medidas de apoio discriminatório. O TEN também realizou a Conferência Nacional do Negro (Rio de Janeiro, 1949) e o Primeiro Congresso Negro Brasileiro (Rio de Janeiro, 1950) (IPEAFRO, 2022).

Entre 1950 e 1968, Nascimento foi o curador fundador do Projeto Museu de Arte do Negro, uma iniciativa do Teatro Experimental do Negro a partir de uma resolução do Congresso Negro Brasileiro de 1950. A primeira exposição foi realizada em 1968 no Museu da Imagem do Som, no Rio de Janeiro (IPEAFRO, 2022).

No mesmo período, ele participou do Partido Trabalhista do Brasil (PTB) e com isso enfrentou o autoritarismo do Regime Militar de 1964. Logo após a abertura da exposição no Museu de Arte Negra, Nascimento viajou para os Estados Unidos sob o apoio da Fairfield Foundation para desenvolver um intercâmbio entre movimentos norte-americanos e brasileiros para promover os direitos civis e os direitos humanos dos negros (IPEAFRO, 2022).

Após sua ida àquele país, ele não pôde voltar ao Brasil durante 13 anos. Período no qual lá viveu e também na Nigéria ampliando seu conhecimento sobre os direitos dos negros e também sobre a cultura negra. Nesse período também

internacionalizou a cultura da população negra brasileira na história africana mundial, porque até então era pouco difundida na comunidade internacional.

Nascimento participou da reunião preparatória (Jamaica, 1973) e do 6º Congresso Pan-Africano (Dar-es-Salaam, 1974). Participou do Encontro sobre Alternativas do Mundo Africano e 1º Congresso da União de Escritores Africanos (Dacar, 1976), bem como do 1º e do 2º Congresso de Cultura Negra das Américas (Cali, Colômbia, 1977; Panamá, 1980) (IPEAFRO, 2022). Outra informação bastante importante é que, durante seu exílio, Nascimento desenvolveu extenso trabalho como artista visual. Suas pinturas se concentram na cultura religiosa da diáspora africana e na resistência à escravidão e ao racismo.

Em 1978, voltou ao Brasil, participando de protestos e eventos públicos, e na reunião de fundação do Movimento pela Unidade dos Negros contra o Racismo e a Discriminação Racial (hoje MNU). Ele também ajudou a criar o Memorial Zumbi, uma organização nacional que reúne entidades que promovem os direitos civis e humanos dos negros em todo o país; foi seu presidente de 1989 a 1998 (IPEAFRO, 2022).

Ele retornou ao Brasil em 1981, onde passou a viver, fundou o IPEAFRO – Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros, organizou o 3º Congresso de Cultura Negra nas Américas (São Paulo, 1982) e o Seminário Nacional sobre 100 Anos da Luta de Namíbia pela Independência (Rio de Janeiro, 1984). Esses eventos foram as primeiras oportunidades de trazer povos de outras nacionalidades principalmente do continente africano para o Brasil para construir conexões com a cultura africana e afro-brasileira.

Durante o exílio, como já foi dito anteriormente, “Abdias Nascimento trabalhou com Leonel de Moura Brizola para criar a organização que viria o Partido Democrático Trabalhista (PDT) do Brasil” (IPEAFRO, 2022). O partido apoiava os pensamentos de Abdias referente às questões do negro na política. Como existia na época a ideia da democracia racial que continuam até a atualidade, as pautas do povo negro eram difíceis de serem inseridas dentro do sistema político brasileiro.

Após a criação do partido, ele se colocou como candidato nas primeiras eleições. Assim é que ele assume em 1983 como o primeiro deputado negro no parlamento brasileiro a defender a causa coletiva da população afro-brasileira. Como deputado, introduziu alguns projetos pioneiros na legislação antidiscriminatória e propostas de ações afirmativas no parlamento. Outro fato importante é que ele

participou da Comissão de Relações Exteriores e articulou algumas medidas contra o apartheid, por exemplo: “de apoio ao Congresso Nacional Africano (ANC) da África do Sul e ao movimento pela independência da Namíbia liderado por SWAPO, advogando o rompimento de relações com o regime sul-africano do Apartheid” (IPEAAFRO, 2022).

Portanto, ele seguiu outras áreas de grandes influências por exemplo na poesia, escritor, dramaturgo, artista plástico e ativista panafricano, fundador dos projetos Teatro Experimental do Negro e Museu de Arte Negra.

Suas pinturas são amplamente difundidas no Brasil e também no exterior, ele explora o patrimônio cultural africano dentro do contexto do combate ao racismo, ganhou Emérito da State University of New York, foi Deputado Federal e também Senador Republicano e Secretário do Governo do Estado do Rio de Janeiro.

Em 2011, o intelectual faleceu no Rio de Janeiro, Nascimento estava internado no hospital dos Servidores do Estado, no centro do Rio de Janeiro, desde 15 de abril devido a complicações cardíacas. Ele tinha pressão alta e diabetes. Nascimento morreu de insuficiência cardíaca, segundo o boletim do hospital.

Mendonça (2015) diz que autor deixou de “bibliografia de Nascimento constam, até 2002, cerca de 132 títulos entre livros (22), artigos de jornais (43), revistas (56), manuscritos inéditos (03) e depoimentos (03)”. dentro desses grandes arcabouços de referências, faz necessários encontrar perspectivas internacionais para melhor compreender sua visão sobre o internacional em sua obra.

Abdias era reconhecido por ser poeta, ator, escritor, dramaturgo, artista plástico, professor universitário, político e ativista dos direitos civis e humanos das populações negras em uma época que os estudos raciais no Brasil coexistiam com a disseminação ampla da ideia da democracia racial no país.

Ele ficou reconhecido dentro da comunidade acadêmica por suas produções e por lutar pelos direitos do povo negro brasileiro e foi de suma importância na construção da epistemologia dos afro-brasileiros. Na luta antirracista brasileira ele “é considerado o precursor do movimento negro no Brasil” (NASCIMENTO, 2014, p.14).

Após expor o resumo da biografia do Abdias percebe-se que ele é um dos precursores da luta do movimento negro no Brasil, ele difundiu a situação dos negros na comunidade internacional após o exílio por questionar as discriminações sofridas pelos negros brasileiros e apagamento da história da população negra. As

pautas dele foram sempre a questão dos direitos dos negros do Brasil, porque existia um apagamento da cultura negra com a ideia da democracia racial que havia sido difundida para o mundo.

1.4 PARTICIPAÇÕES EM EVENTOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

Quadro 1 - Participações em eventos nacionais e internacionais

Eventos/atução/prêmios	País /cidade	Ano
Simpósios regionais e internacionais das Nações Unidas em apoio à Luta do Povo da Namíbia pela sua Independência	San José, Costa Rica,	1983
	Nova Iorque	1984
Diretoria internacional fundadora do Instituto dos Povos Negros	Burkina Faso	Burkina Faso
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Conferência inaugural da série W. E. B. Du Bois de palestras internacionais, organizado e patrocinado pelo Centro Cultural Pan-Africanos de Acra. ✓ Consultor da UNESCO para o desenvolvimento das artes dramáticas e do teatro Angolano. ✓ Diretoria internacional do Festival Pan-Africano de Cultura (FESPAC) e do Memorial Gorée. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Gana ✓ Luanda ✓ Dacar, Senegal 	1988
Artigo 4º da Declaração de Direitos Humanos, participou do volume organizado e publicado pelo Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) por ocasião dos cinquenta anos desse documento das organizações das Nações Unidas (ONU)	Brasil	1998
Iniciativa Comparativa sobre Relações Humanas no Brasil, na África do Sul e nos Estados Unidos, organizado pela Fundação Sulista de Educação de Atlanta.	Estados Unidos	2001
3ª Conferência Mundial da ONU contra o Racismo, a Xenofobia, e Outras Formas Correlatas de Intolerância.	África do Sul	2001
O Prêmio da Herança Africana Mundial	Nova Iorque	2001

Quadro 1 - Participações em eventos nacionais e internacionais Continuação...

Eventos/atuação/prêmios	País /cidade	Ano
O prêmio UNESCO na categoria "Direitos Humanos e Cultura	Brasil	2001
Prêmio Comemorativo da ONU por Serviços Relevantes em Direitos Humanos	Brasil	2003
Prêmio da comunidade internacional como Ano Internacional de Celebração da Luta contra a Escravidão e de sua Abolição	Brasil	2004
O IPEAFRO realizou uma exposição retrospectiva e um colóquio internacional sobre a vida e obra de Abdias Nascimento no Arquivo Nacional	Rio de Janeiro	2004
A Câmara dos Vereadores do Município de Salvador outorgou-lhe a cidadania soteropolitana e a Medalha Zumbi dos Palmares	Salvador	2007
Homenageado 4º Festival Internacional de Cinema Negro (São Paulo), bem como o Prêmio Ori da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro pelo conjunto de sua obra literária	São Paulo	2007
Universidade Obafemi Awolowo, de Ilé-Ifé, Nigéria, outorgou-lhe o título de Doutor em Letras, Honoris Causa	Nigéria	2007
Prêmio em reconhecimento à contribuição destacada à prevenção da discriminação racial na América Latino	México	2008
Recebeu do Ministério do Trabalho a Grã Cruz da Ordem do Mérito do Trabalho	Brasil	2009

Fonte: Organizado pelo autor (2023)

CAPÍTULO II - QUILOMBISMO (CONCEITO/OBRA)

Neste capítulo, tem-se a reflexão sobre o pensamento social e político de Abdias de Nascimento no contexto do quilombismo. Na primeira parte, apresentaremos a obra "Quilombismo". Na segunda parte, mostraremos seu exílio e, com isso, construiremos o contato de Abdias com a comunidade internacional em sua luta pelo quilombismo.

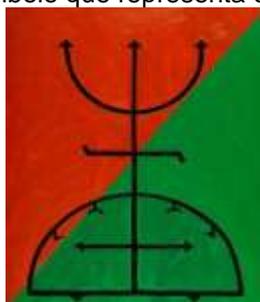
2.1 HISTORICIDADE DA OBRA QUILOMBISMO

Publicado em 1980, a obra "Quilombismo" busca revelar a experiência africana no Brasil e relacioná-la à luta dos homens e mulheres negros em todo o mundo para reconquistar sua liberdade e dignidade humana, assumindo o papel de protagonistas de suas próprias histórias. O texto foi apresentado durante o 2º Congresso de Cultura Negra das Américas, realizado no Panamá em 1980.

Produzido e editado nos Estados Unidos durante o autoexílio de Nascimento devido ao regime militar no Brasil, o livro busca preencher a lacuna de informações sobre os negros brasileiros além das fronteiras do país. O autor pretende promover a compreensão das trajetórias históricas e sociais dos afro-brasileiros. Segundo Nascimento, vários autores analisaram o problema negro no Brasil de forma subjetiva, caracterizada por visões externas e superficiais da população negra.

De acordo com Nascimento (2021, p. 6), o símbolo que representa o Quilombismo foi criado em 1980 por ele, tendo como inspiração os orixás Exu e Ogum, que reúnem os princípios da comunicação, contradição e dialética (Exu) com os da inovação tecnológica e do compromisso da luta (Ogum). A Figura do símbolo pode ser encontrada no acervo IPEAFRO.

Figura 1: Símbolo que representa o Quilombismo



Fonte: IPEAFRO

Assim, o autor faz referência à religião do Candomblé em sua obra *Quilombismo*, representando-a por meio de símbolos. Isso demonstra a preocupação do intelectual com a crença que mais sofreu e ainda sofre com a violência religiosa no Brasil, visto que é uma religião de matriz africana, ligada aos preconceitos enfrentados por aqueles que foram escravizados. Podemos considerar também, em tal perspectiva, os terreiros de candomblé como quilombos, pois representam um lugar de resistência religiosa para o povo negro da diáspora africana.

O documento 7 da obra de uma militância Pan-africanista de Abdias do Nascimento, intitulado *Quilombismo*, publicado em 1980, apresenta uma série de análises sobre a memória e a luta negra. Abdias de Nascimento aborda temas como a antiguidade do saber negro-africano, a consciência negra africana e o sentimento quilombista, além de discutir o conceito científico histórico-social do quilombismo e apresentar um ABC do quilombismo. O autor ainda apresenta alguns princípios e propósitos dessa luta panafricanista e destaca a importância da Semana da Memória Afro-Brasileira.

2.2 CONTEXTOS HISTÓRICO DA OBRA

Na década de 1980, o Brasil viveu um momento histórico de transição política, com o fim da ditadura militar e o início do movimento "Diretas Já", que mobilizou a população nas ruas em prol da democracia. Apesar disso, as eleições que sucederam o mandato do presidente João Figueiredo foram indiretas e o civil eleito, Tancredo Neves, faleceu antes de assumir. Em 1985, José Sarney assumiu a presidência. Em 1989, Fernando Collor foi eleito presidente diretamente, após 29 anos sem eleições diretas. Nesse contexto, Abdias de Nascimento retornou ao Brasil em 1981.

No primeiro artigo, intitulado "Memória: a antiguidade do saber negro-africano", o autor Abdias Nascimento critica a manipulação e o apagamento da memória dos afro-brasileiros, enfatizando que a elite brasileira sempre rejeitou as raízes africanas. Ele destaca que "em nosso país, a elite dominante sempre desenvolveu esforços para evitar ou impedir que o negro, após a chamada abolição, pudesse assumir suas raízes étnicas, históricas e culturais, desta forma seccionando-o do seu tronco familiar africano" (NASCIMENTO, 2021, p. 278). O

autor evidencia como a elite sempre tentou afastar a memória do negro do continente africano. Abdias Nascimento considera importante manter viva a memória do afro-brasileiro na diáspora e afirma que:

A memória do negro brasileiro é parte e participe nesse esforço de reconstrução de um passado ao qual todos os afro-brasileiros estão ligados. Ter um passado é ter uma conseqüente responsabilidade nos destinos e no futuro da nação negro-africana, mesmo enquanto preservando a nossa condição de edificadores deste país e de cidadãos genuínos do Brasil (NASCIMENTO, 2021, p. 278).

Nascimento demonstra preocupação constante com a população afro-brasileira, destacando que essa população foi o alicerce para a construção do Brasil. No entanto, essa história foi escrita por pessoas brancas, deixando de lado a perspectiva dos negros como protagonistas e os colocando como marginalizados. Além disso, após a escravidão, aos afro-brasileiros foram negados seus direitos de cidadania. Diante disso, o autor busca dar projeção à voz dos negros e destacar sua importância na construção da sociedade brasileira.

Em outro artigo presente no documento 7, intitulado “Consciência negra e sentimento quilombista”, o autor aborda a identidade negra e sua luta contra a opressão, destacando a recusa em ser escravizado. Ele aponta que “os quilombos surgiram da necessidade vital dos africanos escravizados em recuperar sua liberdade e dignidade, através da fuga e da organização de uma sociedade livre”. (NASCIMENTO, 1980, p. 04). Os quilombos foram os primeiros espaços a não aceitar ser escravizados e eram um espaço de luta contra o sistema imposto a eles. Com isso, mostra a grande importância dessa luta contra a escravidão da época.

O líder do grupo era Zumbi dos Palmares, que batalhou para que os espaços fossem de difícil acesso e constituíssem defesas para o enfrentamento contra escravistas:

o quilombismo se estruturava em formas associativas que tanto podiam estar localizadas no seio de florestas de difícil acesso que facilitava sua defesa e sua organização econômico-social própria, como também assumiram modelo de organizações permitidas ou toleradas, frequentemente com ostensivas finalidades religiosas (católicas), recreativas, beneficentes, esportivas, culturais ou de auxílio mútuo (NASCIMENTO, 1980, p. 4).

O autor defende o quilombismo como uma luta contra o sistema imperialista imposto pela comunidade internacional aos países periféricos. Ele destaca que essa

luta é anti-imperialista, está conectada ao pan-africanismo e defende uma solidariedade radical com todos os povos em luta contra a exploração, a opressão, o racismo e as desigualdades baseadas em raça, cor, religião ou ideologia (NASCIMENTO, 2021, p. 284). O autor também expressa sua oposição ao sistema capitalista atual, que perpetua a estrutura opressora.

Nascimento propõe o conceito de quilombismo como uma alternativa ao conceito de democracia racial introduzido pelos intelectuais brasileiros, como Gilberto Freyre em seu livro "Casa Grande & Senzala". Segundo Silva (2015), a democracia racial freyriana é uma reconstrução fantasiosa do passado nacional e uma ideologia ilusória que nega a existência de preconceito e discriminação racial no Brasil, sugerindo que negros e brancos têm as mesmas oportunidades econômicas e sociais. Hasenbalg (1979) também destaca essa falsa ilusão. Nascimento propõe o quilombismo como uma luta contra essa ideologia e contra o sistema opressor capitalista, articulado ao pan-africanismo e solidariedade com todos os povos em luta contra a exploração, opressão, racismo e desigualdades motivadas por raça, cor, religião ou ideologia.

Nascimento (2011) destaca que a elite intelectual brasileira, aliada a mentores estrangeiros, criou uma "ciência" histórica e humana que contribuiu para a desumanização dos africanos e seus descendentes, a fim de atender aos interesses opressores eurocêntricos. Ele acredita que os negros precisam de um conhecimento científico que possa ajudar a formular teoricamente a história da opressão sofrida por eles nos 500 anos de escravidão colonial no Brasil.

O conceito científico histórico-social do quilombismo reverbera no campo histórico e sociopolítico, consolidando a luta quilombista e a edificação da história negra na sociedade brasileira.

Nascimento defende que "quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial" (NASCIMENTO, 1980, p.5), destacando que o lugar, geralmente marginalizado, é uma comunidade unida em prol de todos, sem diferenças de gênero e raça.

Os Quilombos contribuíram significativamente para diversas revoltas e guerrilhas que visavam quebrar o domínio colonial da época. Abdias destaca a importância da participação política negra em um momento histórico crucial para o fortalecimento do poder do negro no Estado brasileiro.

A humanização do negro em uma comunidade igualitária é de suma importância. Como sistema econômico, o quilombismo se adequa ao meio brasileiro do comunitarismo ou ujamaísmo da tradição africana, construindo um sistema econômico que se aproxima da realidade da população negra brasileira (NASCIMENTO, 1980, p.5).

Nascimento também aborda a questão da eurocentricidade presente no campo científico em geral, e defende a importância de se pensar a partir da perspectiva negra e quilombista. Segundo o autor:

Durante séculos temos carregado o peso dos crimes e dos erros do eurocentrismo "científico", os seus dogmas impostos em nossa carne como marcas ígneas da verdade definitiva. Agora devolvemos ao obstinado segmento "branco" da sociedade brasileira as suas mentiras, a sua ideologia de supremacismo europeu, a lavagem cerebral que pretendia tirar a nossa humanidade, a nossa identidade, a nossa dignidade, a nossa liberdade (ibidem, 1980, p. 5).

Entretanto, o sistema capitalista foi criado para alienar a todos, principalmente os negros brasileiros, com a ideia de meritocracia. Historicamente, os afro-brasileiros foram escravizados por anos, criando lacunas em diversos espaços de conhecimento. Para aplicar a ideia de meritocracia, seria necessário partir do mesmo ponto de partida. Por esse motivo, Nascimento propõe a construção de espaços de negros para negros dentro do poder político. É preciso que o negro esteja dentro do sistema de poder do Estado.

O "ABC do Quilombismo" é um dos textos mais didáticos encontrados no livro. O autor esquematiza alguns conceitos em ordem alfabética para ajudar os leitores a direcionar suas lutas na política e lembrar alguns fatos do passado que geram reflexão. Ele denuncia o autoritarismo do Estado que historicamente oprime aqueles que construíram e ainda constroem o país. Por essa razão, ele enfatiza a importância da ocupação de espaços políticos pelos negros, a fim de mudar essa realidade, dado que a estrutura política brasileira é predominantemente branca e racista. Além disso, outro ponto importante que o autor aborda é:

Ejetar o supremacismo branco do nosso meio é um dever de todo democrata. Devemos ter sempre presente que o racismo, isto é, supremacismo branco, preconceito de cor e discriminação racial, compõem o fator raça, a primeira contradição para a população de origem africana na sociedade brasileira. (Aviso aos intrigantes, aos maliciosos, aos apressados em julgar: o vocábulo raça, no sentido aqui empregado, se define somente

em termos de história e cultura, e não em pureza biológica) (NASCIMENTO 1980, p.10)

O autor destaca a importância da luta contínua contra o supremacismo branco. Recentemente, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva aprovou a Lei nº 14.532 de 2023, que tipifica a injúria racial como crime de racismo e aumenta a pena de um a três anos para dois a cinco anos. Embora o racismo seja considerado um crime dirigido ao coletivo, as injúrias raciais visam indivíduos específicos.

Segundo Nascimento (2021), é fundamental formar líderes para o movimento quilombista, tanto quanto mobilizar e organizar a comunidade negra. O objetivo do quilombismo é assegurar ao povo negro trabalhador o seu espaço na hierarquia do poder e da tomada de decisões, preservando a sua identidade étnico-cultural.

Percebe-se, então, que o quilombismo se refere à luta pelos direitos dos negros, à inclusão nos espaços de poder político e à valorização da identidade negra, a fim de que a comunidade quilombola seja reconhecida tanto nacional quanto internacionalmente.

O autor também traz para a discussão a questão da língua e dos primeiros povos africanos a chegarem ao Brasil, sendo os bantos o povo ao qual pertenciam os primeiros africanos escravizados que vieram para o Brasil, provenientes de países como Angola, Congo, Zaire, Moçambique, entre outros.

O autor demonstra que os primeiros combatentes do quilombismo foram os bantos, que foram os primeiros quilombolas a enfrentar em terras brasileiras o poder militar do branco escravizador. Além disso, outros povos também foram escravizados no Brasil, como os Ewe ou gêge, povo africano de Gana, Togo e Daomé (Benin), sendo que milhões deles foram subjugados no Brasil. Eles são considerados parte do nosso povo e da nossa cultura afro-brasileira.

Tendo em vista essas informações, podemos observar o início da resistência quilombola, que foi formada pelos negros africanos que foram brutalmente arrancados de suas terras natais para serem desumanizados em outro país.

O autor enfatiza que o termo quilombismo retrata a luta dos africanos escravizados, destacando que as organizações políticas afro-brasileiras não devem permitir que não-quilombistas ocupem posições de autoridade que possam obstruir ou influenciar a luta contra o racismo estrutural. Ele exemplifica que os negros devem permanecer como líderes na luta contra o racismo.

Além disso, o autor destaca a influência da língua falada na formação do nosso dialeto até hoje, citando o Kimbundo, língua do povo banto que chegou ao Brasil com os escravos da África meridional e exerceu grande influência sobre o português falado no país.

O autor destaca a influência do kimbundu na língua portuguesa falada no Brasil, conhecida como "pretuguês", que ainda é utilizada pela população negra no seu dia a dia. A autora Lélia Gonzáles (2020) afirma que a cultura brasileira é essencialmente negra, inclusive a nossa forma de falar português é diferente da falada em Portugal.

O autor também apresenta 15 princípios e propósitos do quilombismo, voltados para a defesa dos direitos da população negra no Brasil e para a construção de um Estado quilombista. Ele destaca a importância de manter o controle das organizações políticas afro-brasileiras nas mãos dos próprios negros, para evitar a interferência de não-quilombistas. Sobre:

O Estado Nacional Quilombista tem sua base numa sociedade livre, justa, igualitária e soberana. O igualitarismo democrático quilombista é compreendido no tocante a sexo, sociedade, religião, política, justiça, educação, cultura, condição racial, situação econômica, enfim, todas as expressões da vida em sociedade. O mesmo igualitarismo se aplica a todos os níveis do Poder e de instituições públicas e privadas (NASCIMENTO 1980, p.10)

Então, o autor defende que o Estado quilombista deve ser baseado no igualitarismo, em que não há distinção de raça e classe entre os trabalhadores que compõem a sociedade. Além disso, ele destaca a importância da autodeterminação e soberania dos quilombos como territórios autônomos e livres da opressão estatal. Resultando com:

A finalidade básica do Estado Nacional Quilombista é a de promover a felicidade do ser humano. Para atingir sua finalidade, o quilombismo acredita numa economia de base comunitário-cooperativista no setor da produção, da distribuição e da divisão dos resultados do trabalho coletivo (NASCIMENTO 1980, p. 10).

O autor compreende que o objetivo final de uma sociedade quilombista é promover o bem-estar social de seu povo, formando um Estado igualitário e comunitário que proporcione uma boa qualidade de vida aos quilombistas que fazem parte dele. Embora essa visão possa parecer utópica à primeira vista, é importante

lembrar que essa sociedade funcionou no Brasil há 500 anos e ainda funciona atualmente, como nas favelas, comunidades indígenas e casas de santos.

Os textos de Nascimento geralmente focam no humanismo do povo negro, algo que não foi considerado durante a escravidão, já que os afro-brasileiros foram tratados como propriedade privada no período escravocrata. Em relação à organização econômica, Nascimento afirma que:

O quilombismo considera a terra uma propriedade nacional de uso coletivo. As fábricas e outras instalações industriais, assim como todos os bens e instrumentos de produção, da mesma forma que a terra, são de propriedade e uso coletivo da sociedade. Os trabalhadores rurais ou camponeses trabalham a terra e são eles próprios os dirigentes das instituições agropecuárias. Os operários da indústria e os trabalhadores de modo geral são os produtores dos objetos industriais e os únicos responsáveis pela orientação e gerência de suas respectivas unidades de produção (NASCIMENTO 1980, p. 10).

Pode-se observar, por meio dessa abordagem econômica, que Nascimento era completamente contrário ao sistema capitalista, já que este sistema desumaniza o corpo negro em todas as suas estruturas de poder, gerando desigualdade na população afro-brasileira. Entre os pontos que Nascimento aborda, um deles é sobre as crianças negras e outro é sobre a educação no sistema quilombista, que é um dos principais pontos que autor defende:

A criança negra tem sido a vítima predileta e indefesa da miséria material e moral imposta à comunidade afro-brasileira. Por isso, ela constitui a preocupação urgente e prioritária do quilombismo. Atendimento pré-natal, amparo à maternidade, creches, alimentação adequada, moradia higiênica e humana, são alguns dos itens relacionados à criança negra que figuram no programa de ação do movimento quilombista (NASCIMENTO 1980, p.10).

Refletir sobre as crianças negras é essencial, uma vez que o corpo negro precisa de cuidados prioritários desde o nascimento até a vida adulta, já que o sistema capitalista não valoriza a humanização. Por esse motivo, Nascimento vê no sistema quilombista uma maior proteção para as crianças negras. Em relação à educação, ele afirma que:

A educação e o ensino em todos os graus – elementar, médio e superior – serão completamente gratuitos e abertos sem distinção a todos os membros da sociedade quilombista. A história da África, das culturas, das civilizações e das artes africanas terão um lugar eminente nos currículos escolares. Criar uma Universidade Afro-Brasileira é uma necessidade dentro do programa quilombista (NASCIMENTO 1980, p..10).

A fim de proporcionar oportunidades de ascensão para as famílias negras, é imprescindível considerar a educação de seus filhos, criando oportunidades que visem a melhoria das condições dessas famílias quilombolas. Dessa forma, no futuro, elas poderão crescer e desenvolver suas habilidades para transmitir seus conhecimentos para as próximas gerações da comunidade quilombola.

Nascimento defende a proteção do meio ambiente no Estado quilombola, pois reconhece que isso reduz o risco de morte para as pessoas pretas e aumenta a qualidade de vida dessa comunidade, valorizando o bem-estar da população quilombola.

Quilombismo essencialmente é um defensor da existência humana e, como tal, ele se coloca contra a poluição ecológica e favorece todas as formas de melhoramento ambiental que possam assegurar uma vida saudável para as crianças, as mulheres e os homens, os animais, as criaturas do mar, as plantas, as selvas, as pedras e todas as manifestações da natureza (NASCIMENTO 1980, p.11).

O autor questiona o combate à discriminação racial e propõe uma abordagem internacional. Nascimento sugere a criação de fóruns em conjunto com a ONU - Organização das Nações Unidas - para combater o racismo em nível global e, dessa forma, aumentar a proteção dos negros em todo o mundo., ele diz que

O Brasil é signatário da Convenção Internacional para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1965. O quilombismo contribuirá para a pesquisa e a elaboração de formas e estratégias para utilização dessa Convenção e de outros dispositivos do direito internacional para combater o racismo, colaborando em especial com o Comitê para a Eliminação da Discriminação Racial das Nações Unidas (NASCIMENTO 1980, p.11).

No documento 7, o autor aborda o assunto do quilombismo e apresenta a Semana da Memória Afro-Brasileira. O objetivo dessa semana é resgatar a memória afro-brasileira e afirmar a presença ativa da população negra na história pan-africana e na realidade universal dos seres humanos, evitando o esquecimento, o nada e a negação. O autor destaca que essa semana acontece em novembro e apresenta os dias e seus significados, sendo que o dia 20 de novembro é conhecido como o Dia da Consciência Negra. Ele enfatiza a importância desse dia como uma forma de conscientização e reflexão sobre a luta contra o racismo e a discriminação, além de ser uma data de celebração da cultura afro-brasileira. Ele descreve que

O Dia da Consciência Negra deve resumir tudo aquilo que tiver ocorrido nos dias anteriores. Ênfase à figura de Zumbi, o primeiro militante do pan-africanismo e da luta por liberdade em terras brasileiras. Zumbi, consolidador da luta palmarista, selando com sua morte em plena batalha a determinação libertária do povo negro-africano escravizado, é o fundador, na prática, do conceito científico histórico-cultural do quilombismo. Quilombismo continuado por outros heróis da história negra: Luísa Mahin e seu filho Luís Gama, Chico-Rei, os enforcados da Revolta dos Alfaiates, dos levantes dos Malês, da Balaiada, o Dragão do Mar, Karocango, João Cândido, e os milhões de quilombolas assassinados em todas as partes do nosso território onde houve o infame cativo. Na celebração de encerramento da Semana da Memória Negra deve-se dar todo o destaque aos programas e projetos das entidades e da comunidade, tendo em vista um futuro melhor para os afro-brasileiros. O último evento da Semana deve, de preferência, acontecer ao ar livre, numa concentração da comunidade negra e das pessoas de qualquer origem interessadas em nossas atividades. Durante todo o decorrer da Semana, deverá ser evitada toda a retórica acadêmica e ideológica incapaz de apresentar conteúdo ou propostas úteis (NASCIMENTO 1980, p.13);

Toda a luta quilombola, é uma construção coletiva, de igualitarismo e de uma sociedade justa para todos os negros, um lugar que não exista o racismo e aumente a expectativa vida do povo preto, criando um Estado anticapitalista, antirracista, antifascista, com isso constitui a humanização do povo negro aqueles que reconstruiu e reconstrói esse país a mais de 500 anos.

Nascimento, em sua obra "O Quilombismo", busca quebrar o bloqueio intelectual que segrega os afrodescendentes na América Latina e colaborar, ainda que de forma limitada, para a articulação e compreensão dos processos e estratégias utilizadas pelas forças dominantes que exploram, alienam e oprimem essa população.

De acordo com Moore (2002), Abdias do Nascimento estava intimamente ligado ao pan-africanismo político e cultural negro, o que se tornou natural para ele. O intelectual se tornou um dos principais defensores da importância do pan-africanismo no Brasil, aumentando a demanda dos negros brasileiros. Nascimento sintetizou a corrente teórica, reagindo assim à penetração da estrutura social brasileira, como afirmado por Guimarães (2005).

De acordo com Sandra Almata, a história de vida de Abdias do Nascimento se entrelaça com a do movimento negro. A partir da criação do Teatro Experimental do Negro e da Frente do Negro Brasileiro em 1930, Nascimento começou sua trajetória como militante, tendo desempenhado um papel crucial na conjuntura política. Segundo Guimarães (2005), assim como o jornal O Quilombo, a militância de Abdias foi uma resposta à penetração da estrutura social brasileira. Moore (2002)

afirma que o pan-africanismo teve uma forte influência sobre Nascimento durante seu exílio político entre 1968 e 1981.

Segundo Moore (2002), Abdias do Nascimento, aliado às necessidades dos negros brasileiros, sintetizou todos os aspectos do pan-africanismo, um discurso-prática em que ação e reflexão avançam em paralelo, entrecrocando-se, recombinao-se seletivamente e partindo para novas desconstruções.

Nascimento participou de sua primeira conferência internacional em Kingston, Jamaica, em 1973, durante sua fase de exílio forçado. A partir desse momento, ele se posicionou dentro da corrente do pan-africanismo, que defende que a cultura é responsável por emitir a identidade e é um requisito essencial para os movimentos dos povos que sofreram historicamente com a alienação racial e a escravização.

Segundo Costa (2021), um dos primeiros desafios enfrentados foi a questão da língua, já que a maioria das palestras era ministrada em inglês e não havia tradutores disponíveis para auxiliar na compreensão das falas do intelectual. Para o autor, a língua é um sistema simbólico de representação do mundo que usamos para transmitir e receber mensagens codificadas, as quais contêm informações sobre nossa percepção da realidade.

Nascimento sentia a necessidade de denunciar o que ocorria no Brasil na época. Em seu texto intitulado "Língua como obstáculo à unidade", o autor questiona a dificuldade de transmitir sua mensagem aos receptores estrangeiros durante suas lutas pan-africanistas, como um homem negro.

De acordo com Nascimento (2021), os negros brasileiros foram excluídos e impedidos de participar das questões pan-africanas e da construção de sua história. Isso ocorreu porque, na época, as duas línguas mais faladas na comunidade internacional eram o francês e o inglês, e apenas as elites linguísticas tinham acesso a esses cursos. Abdias descreve esse fenômeno como elitismo linguístico e afirma que isso é um dos motivos que impedem a presença e visibilidade dos negros brasileiros nas lutas internacionais de seus povos. Apesar das dificuldades no aprendizado da língua estrangeira, Nascimento perseverou em articular sua militância em prol dos negros brasileiros nas conferências internacionais pan-africanistas.

Em seu documento intitulado "Etnia Afro-Brasileira e Política Internacional", Nascimento apresenta uma visão sobre como as relações políticas internacionais do Brasil se alinham com as lógicas dos países europeus, em detrimento dos países

africanos, com os quais o Brasil tem dívidas históricas. Ele expõe como essa postura beneficia os colonizadores em detrimento das nações africanas, e destaca a importância de uma perspectiva pan-africanista para reverter essa situação.

Segundo o documento, os países imperialistas, juntamente com alguns países da América Latina, utilizam de forma clara a instituição governamental que exemplifica no Brasil, que é o Itamaraty, um órgão com grande influência nas relações internacionais.

No texto intitulado "O Olho Azul do Itamaraty que Não Vê o Negro", o autor denuncia a negação da realidade dos negros brasileiros por parte do Itamaraty, que tenta criar uma imagem internacional embranquecida, ignorando assim o censo brasileiro da época.

[...] desse modelo de mascarada étnica que o país exporta, temos um bom exemplo no volume *Brazil 1966*, publicado pelo ministério do Exterior, cujo ministro da época, ironicamente, se chamava Juracy Magalhães, o ex governador, o ex governador do estado africano da Bahia. Neste volume em inglês, destinado a promover o Brasil internacionalmente, há um capítulo intitulado 'Características da População', no qual se pode ler o seguinte: "3. Cor - A maioria da população brasileira é constituída de brancos, sendo diminuta a porcentagem de pessoas mistas" (NASCIMENTO, 2021, p.190).

O autor denuncia no texto "Como o Olho Azul do Itamaraty Não Vê, Não Enxerga o Negro" que o Itamaraty tenta promover uma imagem internacional embranquecida do Brasil, negando assim a realidade da presença negra no país. Esta estratégia é evidenciada pelo fato de que os especialistas em demografia, Giorgio Mortara e Rômulo Coelho, apontam em seus cálculos que no Brasil havia 32.027.661 brancos, 5.692.657 negros e 13.786.742 pardos (NASCIMENTO, 2021, p. 191).

No entanto, o Itamaraty continua a negar a realidade do povo negro no Brasil, ignorando as causas do genocídio deste povo e a falta de acesso aos serviços básicos de saúde, alimentação, moradia e atendimento médico. Estes fatores contribuem para uma maior mortalidade entre negros em comparação com brancos.

2.3 CONEXÕES COM O INTERNACIONAL

De acordo com Custódia (2011), uma das conexões de Nascimento com o cenário internacional foi estabelecida durante o seu autoexílio no período da ditadura

militar no Brasil. O autor apresenta elementos que demonstram essa conexão ao longo do período que compreende o exílio de Nascimento, que se estendeu de 1968 a 1981. Para analisar a trajetória do autor nos Estados Unidos, Custódio (2011) utilizou fontes essenciais, incluindo depoimentos do próprio Nascimento e de amigos da época, fontes publicadas e consultas às correspondências do autor.

De acordo com Custódio (2011), Abdias do Nascimento deixou o Brasil em um ato de autoexílio, já que não foi diretamente exilado. O autor explica que Nascimento partiu para Nova York, nos Estados Unidos, após receber uma bolsa da Fairfield Foundation, destinada a entidades culturais negras no país. Essa bolsa era financiada pela Família Fleischmann, uma rica família norte-americana do ramo de bebidas. Embora a bolsa fosse válida por dois anos, Nascimento optou por não retornar ao Brasil, pois o contexto político da época tornava essa possibilidade inviável.

Já que Nascimento recebeu uma bolsa de dois anos, ele não tinha planejado ficar mais tempo nos Estados Unidos. Uma das maneiras pelas quais ele conseguia sobreviver era através da venda de suas obras de arte. Com o passar do tempo, ele ampliou seu círculo de amizades para se manter no país. Através de suas apresentações e vendas de obras, o autor ganhou visibilidade e, assim, conseguiu sobreviver.

Segundo Custódio (2011), entre os anos de 1971 e 1974, Nascimento se tornou professor e conseguiu se estabilizar no contexto internacional. Ele foi convidado a dar aulas no Departamento de Estudos Porto Riquenhos da State University of New York em Buffalo (SUNY). No entanto, o professor desejava ampliar sua participação em congressos fora dos Estados Unidos, o que marcou o início de seu verdadeiro exílio.

Entre os anos de 1974 e 1981, Nascimento começou a construir suas obras e a se envolver mais nas questões do movimento negro internacional, conforme aponta Custódio (2011) em sua análise de seu crescimento na comunidade internacional. O autor destaca três perspectivas desse período: (1) o aumento da produção de Nascimento, (2) sua presença em fóruns internacionais e (3) a determinação de um discurso ideológico mais radicalizado sobre sua situação de "autoexílio". Foi nesse período que ele iniciou sua luta para mostrar a realidade dos negros escravizados no Brasil sob uma ótica diferente.

Pra compreender o sentimento de o que seria um exílio ou autoexílio para qualquer pessoa que é submetida a esse tipo de violência, trago reflexão de Edward Wadie Said, foi um professor humanista, crítico literário e ativista político palestino, uma das suas obras primas mais conhecidas é o livro “Orientalismo”, que fala sobre o preconceito e violência direcionados aos povos do Oriente Médio.

O exílio para Said (2003, p.1), “[...] é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada” dentro desse mesmo propósito ele traz a ideia de que “o exílio não pode ser posto a serviço do humanismo”. Como também o exílio é intrínseco ao nacionalismo pois remete a perda do lugar e de sua nacionalidade onde se encontra sua cultura, seus costumes, sua língua materna. Said cita um poema de Mahmoud Darwish, foi um poeta e escritor palestino, nascido à época do Mandato Britânico, que traduz um pouco o que seria o exílio, veja abaixo:

Mas eu sou o exilado.
Sela-me com teus olhos.
Leva-me para onde estiveres —
Leva-me para o que és.
Restaura-me a cor do rosto
E o calor do corpo
A luz do coração e dos olhos,
O sal do pão e do ritmo,
O gosto da terra... a terra natal.
Protege-me com teus olhos.
Leva-me como uma relíquia da mansão do pesar.
Leva-me como um verso de minha tragédia;
Leva-me como um brinquedo, um tijolo da casa
Para que nossos filhos se lembrem de voltar (Mahmoud Darwish)
(SAID, 2003, ps..3-4)

O exílio é uma violência sobre o ser humano, pois a nacionalidade e arrancada temporariamente, e subjugado sua índole, como se o indivíduo fosse um material sem vida, que pode ser usado de uma forma desumanizada a qualquer momento, o ser humano tem suas vivências e seus sentimentos sobre sua região que cresceu e se criou, porém o Estado ignora, para fazer valer seus ideais políticos.

Durante o período em que esteve fora do país, Abdias do Nascimento viveu nos Estados Unidos e viajou para diversos lugares no continente africano, denunciando o racismo que havia no Brasil. Essa experiência de autoexílio teve grande impacto em sua obra e em sua atuação política. Nesse período, ele teve contato com outras realidades e movimentos sociais, o que lhe permitiu ampliar seu

horizonte e consolidar sua posição como ativista negro e defensor dos direitos humanos.

O autoexílio de Abdias do Nascimento foi um exemplo da violência e da repressão que o regime militar impôs aos movimentos sociais e aos defensores dos direitos humanos no Brasil. O próprio Abdias foi vítima dessa violência, foi autoexilado por suas ideias e ativismo.

No entanto, seu autoexílio também pode ser compreendido como um momento de resistência e de luta. Ao se exilar, Abdias do Nascimento não abandonou suas convicções e sua luta pelos direitos humanos e pela igualdade racial. Pelo contrário, ele continuou atuando em defesa dessas causas em outros países e ampliando seu diálogo com outros movimentos sociais.

Assim, o autoexílio de Abdias do Nascimento é um exemplo da importância da resistência e da luta em momentos de opressão e repressão. Mesmo diante das adversidades, Abdias manteve-se firme em suas convicções e continuou a lutar por um mundo mais justo e igualitário para todos, especialmente para os afrodescendentes brasileiros.

Por fim, O livro "O Quilombismo" de Abdias do Nascimento é uma obra importante que apresenta a ideologia e as propostas políticas de uma camada do movimento negro brasileiro. Nela, Nascimento defende a criação de um estado autônomo para os afrodescendentes, inspirado na organização dos antigos quilombos.

O autor argumenta que a escravidão e o racismo foram institucionalizados no Brasil, levando à exclusão e marginalização da população negra. Para combater essa situação, Nascimento propõe a organização e mobilização dos afrodescendentes em torno de um projeto político que tenha como base a construção de um estado autônomo, onde a cultura e a história afro-brasileira possam ser valorizadas e preservadas. Discute também a importância da luta contra o preconceito racial e da valorização da autoestima da população negra, enfatizando a necessidade de um trabalho de conscientização e educação para a valorização da identidade negra.

Em resumo, o livro "O Quilombismo" é uma obra fundamental para compreender as lutas e reivindicações do movimento negro no Brasil, propondo uma alternativa política para a superação do racismo e da exclusão social enfrentados pela população afrodescendente.

CAPÍTULO III - PAN-AFRICANISMO E ABDIAS NASCIMENTO

Neste capítulo, abordaremos a conexão de Abdias Nascimento com o movimento pan-africanista internacional e, em seguida, discutiremos como sua luta quilombista se expandiu para além das fronteiras nacionais, alcançando a comunidade internacional.

Para entender a perspectiva de Abdias Nascimento em relação ao internacional, devemos levar em conta sua posição como afro-brasileiro e colonizado. Isso nos ajudará a compreender de forma mais precisa seus ideais e suas experiências em relação ao tema internacional.

Este trabalho não abordará todas as obras do autor, concentrando-se principalmente em "O quilombismo - documentos de uma militância Pan-africanista" (2021), a fim de analisar sua perspectiva sobre o internacional por meio da luta pan-africanista.

Não estamos procurando definir o que seria o conceito de "internacional" nos autores, pois esse não é o objetivo da pesquisa. Em vez disso, nosso estudo se concentrará na perspectiva internacional de Abdias do Nascimento por meio do pan-africanismo. O primeiro passo da pesquisa será apresentar um breve resumo sobre a luta pan-africanista no mundo e, em seguida, concentrar-se na visão de Nascimento para entender sua perspectiva internacional sobre o tema.

Além disso, irei complementar com referências do autor Fred Halliday em seu livro "Repensando as Relações Internacionais" (1999), especificamente em sua introdução sobre a importância do conceito de "internacional", a fim de estabelecer uma conexão entre a visão de Abdias do Nascimento e o contexto internacional.

Falando em perspectivas, na área de psicologia, este tipo de análise é denominado "perspectiva social". Moll e Meltzoff (2011) afirmam que a perspectiva é uma das habilidades cognitivas sociais mais importantes para o ser humano, uma vez que essa habilidade reflete como o mesmo objeto ou evento pode ser visto e interpretado de várias maneiras, dependendo do ponto de vista do observador.

O pan-africanismo é uma ideologia que busca a união de todos os povos do continente africano na luta contra o preconceito racial e os problemas sociais. A Organização de Unidade Africana (OUA), criada em 1963, é uma das formas de promover e apoiar essa ideologia, especialmente por afrodescendentes que vivem fora da África. Entre as propostas do pan-africanismo está a estruturação social do

continente por meio do remanejamento étnico na África, unindo grupos separados e separando grupos rivais, e o resgate de práticas religiosas anteriormente proibidas pelos colonizadores europeus.

O pan-africanismo é um movimento social, filosófico e político que busca promover os direitos do povo africano e a constituição de um único Estado soberano para africanos que vivem dentro e fora do continente. Edward Burghardt Du Bois e Marcus Musiah Garvey são alguns dos principais idealizadores dessa teoria.

Em 2002, a União Africana foi criada oficialmente para substituir a OUA. Desde então, a união tem tomado medidas agressivas para encontrar soluções para as crises na região e incentivar a integração entre os países. O objetivo da União Africana é criar um continente livre para a circulação de pessoas, um Parlamento continental, um tribunal pan-africano e um Banco Central, para que no futuro possa circular uma moeda única, seguindo o modelo da União Europeia.

Fortalecer a África no século XXI é um grande desafio, considerando a pobreza, a miséria, as guerras, as doenças e a corrupção que assolam o continente. Por isso, a união dos países pode trazer resultados positivos para superar esses problemas e fortalecer o continente.

Para entender o estudo do pan-africanismo, é preciso compreender por que ele existe e quais estudiosos se comprometeram com a luta pela liberdade, identidade e política do povo negro dentro de uma comunidade internacional que era dominada por pessoas brancas e suas narrativas hegemônicas e coloniais. O pan-africanismo é uma luta contra essas narrativas e denuncia o racismo institucional que permeia as sociedades.

O pan-africanismo é um tema pouco abordado nas relações internacionais, como observa Barbosa (2016) em um artigo. O autor destaca a história dos principais defensores do pan-africanismo no século XIX, como Paul Cuffee, Martin Delany, Booker T. Washington, Alexander Crummel, J. A. Horton, J. Hayford, Bishop James Johnson, Edward Blyden, Marcus Garvey, W. E. Du Bois e Silvester Williams.

A principal preocupação dos pan-africanistas era a escravização do povo negro e a situação pós-abolição na América, e a colonização externa na África. O movimento se dividiu em duas seções, uma com os principais formadores iniciais e outra que tratava da parte teórica e política do pan-africanismo. Entre os principais formadores estavam A. Crummel, Horton, Blyden, W. E. Du Bois e Marcus Garvey.

De acordo com Barbosa (2016), A. Crummel, um dos ativistas pan-africanistas, foi pastor na Libéria durante 20 anos, onde pregou a união africana e o cristianismo para aprimorar a "raça negra", termo usado por ele para se referir aos africanos e seus descendentes. Sua perspectiva evidencia o evolucionismo cultural, que considera as sociedades africanas como "não evoluídas" e que precisam ser "melhoradas" por meio da adoção de referências civilizatórias ocidentais.

Já J. Horton, outro ativista pan-africanista, defendia uma postura humanista. Ele acreditava na capacidade dos africanos de formarem uma nação autogovernada, embora considerasse importante o apoio dos "ocidentais". No entanto, a ideia de que os conhecimentos e diretrizes externas eram necessárias para a formulação do governo na África ainda prevalecia em suas ideias. Um dos intelectuais caribenhos que defenderam o autogoverno africano foi Edward Blyden, sua construção teórica argumentativa foi:

em prol da igualdade entre africanos e afrodescendentes (em especial, estadunidenses) é que ambos fariam parte de uma mesma unidade: a "personalidade africana". Sua teoria buscava fundamentar a ideia de raça dando-lhe um enfoque cultural, enquanto especificidade de um povo, de uma circunstância histórica. No seu entender, a "personalidade africana" seria o caminho específico do negro (africanos e afrodescendentes) à civilização universal (BARBOSA, 2016, p 146).

O autor enfatiza a valorização da cultura negra e apresenta uma perspectiva civilizatória que destaca a importância da estrutura familiar, dos valores coletivos e do uso da terra e da água. Ele defende que esses valores devem ser reconhecidos universalmente e, portanto, acredita que os afro-americanos possuem mais conhecimento e consciência racial, o que poderia contribuir para a africanização e a construção de um Estado único na África ocidental subsaariana. Além disso, ele propõe a assimilação dos valores islâmicos e cristãos pelos africanos.

Marcus Garvey, um importante ativista pan-africanista da primeira geração, nasceu na Jamaica e se destacou nos Estados Unidos no início do século XX com seu projeto "*Back to Africa*". Sua proposta não era que todos os negros americanos voltassem para a África, mas sim que alguns deles, especialmente aqueles com conhecimento em tecnologia moderna, deveriam fazê-lo em benefício do desenvolvimento do continente africano. Embora não fosse um acadêmico, Garvey deixou um legado de conhecimento através de seus artigos e escritos na comunidade internacional.

W. E. B. Du Bois foi outro importante intelectual do movimento pan-africanista, que surgiu mais recentemente. Ele era um excepcional intelectual negro de sua época, tendo construído sua carreira acadêmica nas universidades de Fisk, Harvard e Berlim. Ao contrário de alguns pensadores anteriores, Du Bois concentrou-se em quebrar os dilemas da vida negra americana. Inicialmente, ele escreveu um livro intitulado "A alma do povo negro" (1903), onde argumentou que os negros americanos viviam uma dupla consciência, sendo negros comunitários e nacionais dos Estados Unidos. Ele era contra a ideia capitalista ocidentalizada que não fazia parte de suas culturas, visando uma comunidade mais cooperativista do povo negro da diáspora.

Diversos intelectuais africanos foram inspirados por W. E. B. Du Bois após a Segunda Guerra Mundial, como Jomo Kenyatta e Kwame Nkrumah. No final da década de 1950, ele foi convidado por G. Padmore e K. N'Krumah a se mudar para Gana, onde permaneceu até sua morte em 1963.

Outro autor pan-africanista importante foi indubitavelmente, Custodia (2011) o senegalês Cheikh Anta Diop é a figura central dessa tendência pan-africana na história. Diop é um dos grandes historiadores do século XX e foi o primeiro pensador a construir um paradigma pan-africano coerente para a historiografia. Sua base era formada por duas ideias centrais: a) a África como berço da humanidade; b) a unidade afro-negra estaria fundamentada em uma relação histórico-cultural milenar, cuja origem estaria no Egito Antigo e na Núbia, consideradas por ele como as primeiras civilizações humanas. Essas seriam as premissas científicas para o estudo da Antiguidade clássica (e, portanto, da antiguidade greco-romana) e das sociedades africanas sul-saarianas (DIOUF; MBOJI, 1992, p. 120). Sua influência no movimento pan-africanista continua sendo marcante até os dias atuais.

Outro ponto de importância de salientar é que os intelectuais negros sul-americano e africanos não participaram do movimento sociopolítico entre fins do século XIX e XX, como diz o historiador:

Eduardo Devés-Valdés (2008), tal fato pode ser explicado pelas frágeis redes de contato de redes de contato entre os intelectuais negros dessas regiões com o centro da produção intelectual negra da época: os EUA. Por outro lado, tal fato revela, concomitantemente, o massacre que as políticas racistas – eugenistas na América e colonialistas na África – trouxeram para a comunidade negra nos dois lados do Atlântico à época. (BARBOSA, 2016, p. 150).

No entanto, isso não significa que não havia sul-americanos e africanos lutando contra a opressão racista e colonialista da época da supremacia branca. Os ideais desses primeiros intelectuais negros do pan-africanismo, de 1870 a 1920, deixaram um legado para as gerações seguintes.

Para situar, Nascimento no contexto internacional da época em quem ele esteve fora do Brasil, Abdias Nascimento passou 13 anos em autoexílio, de 1968 a 1981, vivendo principalmente nos Estados Unidos e com uma temporada de um ano na Nigéria em 1976-1977. Embora o cenário político não fosse favorável para um homem que militava pelo movimento negro desde a década de 1950, Abdias não foi diretamente forçado a deixar o país.

Durante esse tempo no Estados Unidos, é bom lembrar que, em termos políticos, o país viu a luta pelos direitos civis ganhar força na década de 60, culminando com a aprovação da Lei dos Direitos Civis em 1964 e da Lei de Direito ao Voto em 1965. Nesse período, ocorreram também diversos protestos contra a Guerra do Vietnã, que durou de 1955 a 1975, e que gerou grande controvérsia e divisão na sociedade americana. Na década de 70, o país enfrentou a crise do petróleo, que afetou a economia e gerou altas taxas de inflação. Em 1974, o presidente Richard Nixon renunciou ao cargo em meio a um escândalo de corrupção conhecido como Watergate.

Além disso, a cultura americana passou por grandes transformações nesse período, com a ascensão do movimento hippie e da contracultura, o surgimento da música punk e do hip hop, e a popularização do cinema *blockbuster*. Em resumo, entre 1964 e 1982, os Estados Unidos passaram por importantes mudanças políticas, sociais e culturais que moldaram a história do país e tiveram impacto em todo o mundo.

No entanto, Nascimento tem influências dessas lutas civis e o pan-africanismo em seus trabalhos, o Diop foi um dos autores, Custodio (2011) somente mais tarde, no artigo "Quilombismo", as referências diretas ao trabalho de Diop são explicitamente incorporadas. No entanto, a absorção de sua teoria já aparece timidamente desde 1975 (Nascimento, 1976b), ao fundamentar parte do discurso sobre o legado cultural africano para analisar as manifestações da arte negra no Brasil. Além disso, a influência de Diop é evidente em algumas obras, como no título do texto apresentado no FESTAC 77, "Racial Democracy in Brazil: Myth or Reality", claramente inspirado no título da obra de Diop. Outra prova é a ênfase na

valorização da mulher negra em seu discurso, que se encaixa em sua ideologia mais ampla. Nascimento dedica várias seções em seus textos para discutir essa questão e até mesmo reconstrói a figura de sua mãe, Dona Georgina (Nascimento, 1980, 1983).

Portanto, o conceito “Quilombismo” busca revelar as experiências dos africanos e os afro-brasileiros no Brasil, e busca relacioná-la com a luta de mulheres e homens negros africanos em todo o mundo para recuperar sua liberdade e dignidade humana, assumindo-se como protagonistas de suas próprias histórias.

Como quilombismo ultrapassou barreiras na perspectiva de Nascimento, a principal fonte de conexão do autor e o quilombismo, que através desse conceito o autor leva sua perspectiva ao internacional e mostra uma parte do Brasil que não era contada pelos grandes intelectuais da época. A autor diz que “o quilombismo expressa a ciência do sangue negro, do suor que este derramou enquanto pés e mãos edificadores dá a economia desse país” (NASCIMENTO, 2021, p.363). Portanto através dessa luta o autor começou a ganhar notoriedade na comunidade internacional, seja nas intuições ou organizações que ele participava.

A luta dele era contra a narrativa hegemônico que existiam nos estudos sobre as escravizações no Brasil. Buscando assim “A cristalização dos nossos conceitos, definições ou princípios deve exprimir a vivência de cultura e de práxis da coletividade negra, deve incorporar nossa integridade de ser total em nosso tempo histórico, enriquecendo e aumentando nossa capacidade de luta” (NASCIMENTO, 2021, p. 289).

O autor traz esse conceito científico histórico social, como um combate a narrativa que era vendida a comunidade internacional, tem um livro de Abdias de Nascimento chamado O Genocídio do negro brasileiro Processo de um Racismo Mascarado (2016). Que mostra como a população afro-brasileira foi dizimada através de várias opressões sobre o corpo negro. E o apagamento histórico e cultural foi amplamente arquitetado e o quilombismo e uma forma de mostrar a luta do povo afro-brasileiro contra o sistema escravo imposto pelos europeus.

Entretanto, a existência de sul-americanos e africanos lutando contra a opressão racista e colonialista durante a era da supremacia branca é inegável. O pan-africanismo, de 1870 a 1920, deixou um legado para as gerações seguintes, com os ideais desses primeiros intelectuais negros.

O conceito de "Quilombismo" visa a revelar as experiências dos africanos e afro-brasileiros no Brasil, e relacioná-las à luta de homens e mulheres negros africanos em todo o mundo pela recuperação de sua liberdade e dignidade humana, assumindo o papel de protagonistas em suas próprias histórias.

Na perspectiva de Nascimento, o Quilombismo ultrapassa barreiras. É a principal fonte de conexão do autor com o mundo, pois através desse conceito, ele apresenta uma visão do Brasil que não era contada pelos grandes intelectuais da época. O autor afirma que "o Quilombismo expressa a ciência do sangue negro, do suor que este derramou enquanto pés e mãos edificadores dá a economia desse país" (NASCIMENTO, 2021, p. 363). Sua luta era contra a narrativa hegemônica dos estudos sobre a escravidão no Brasil.

Para o autor, é importante que "a cristalização dos nossos conceitos, definições ou princípios deve exprimir a vivência de cultura e de práxis da coletividade negra, deve incorporar nossa integridade de ser total em nosso tempo histórico, enriquecendo e aumentando nossa capacidade de luta" (NASCIMENTO, 2021, p. 289).

Com o Quilombismo, ele traz um conceito científico histórico-social que combate a narrativa vendida pela comunidade internacional. Seu livro "O Genocídio do Negro Brasileiro Processo de um Racismo Mascarado" (2016) mostra como a população afro-brasileira foi dizimada através de várias opressões contra o corpo negro, e como o apagamento histórico e cultural foi amplamente arquitetado. O Quilombismo é uma forma de mostrar a luta do povo negro brasileiro, colonizado pelos europeus.

Com o intuito de proporcionar uma melhor compreensão do conceito internacional, utilizarei como base o autor Fred Halliday, que atua na área das ciências sociais, mais especificamente nas Relações Internacionais. Em seu livro "Repensando as Relações Internacionais" de 1999, o autor busca trazer uma perspectiva do que seria o internacional sob o ponto de vista das ciências sociais. Segundo Halliday, o internacional pode ser entendido como uma forma de interação entre o interno e o externo, bem como entre o nacional e o internacional. Além disso, o autor ainda complementa que:

Todas as ciências sociais devem suas origens e desenvolvimento a interação com o mundo de fora a economia nasceu como uma resposta ao comércio e a

industrialização dos séculos XVIII e XIX, a sociologia da evolução das sociedades urbanas, a antropologia do encontro colonial". (HALLIDAY, 2007, p.40)

À medida que essas interações sociais foram surgindo, o conceito de "internacional" foi sendo construído, dando origem a relações humanas, explorações, expansões territoriais, conflitos e muito mais. Teorias de relações internacionais surgiram para explicar esses fenômenos e fatos sociais, como o realismo, o liberalismo, o marxismo, o construtivismo, a teoria crítica, entre outros.

No entanto, muitas dessas teorias trazem uma visão eurocêntrica dos países historicamente considerados "desenvolvidos" em termos de suas economias, políticas, sociologias e outros aspectos. Para obter uma visão mais diversificada do mundo, precisamos incluir autores negros sul-americanos que contam suas experiências internacionais a partir de suas próprias perspectivas teóricas.

Com base nessas percepções, é necessário analisar a perspectiva do internacional através dos olhares de autores brasileiros negros e amefricanos. A categoria "Amefricanidade", articulada por Lélia Gonzalez, refere-se às experiências de afrodescendentes em todo o continente americano, incluindo austral, central, insular e setentrional. Isso inclui todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural, como resistência, acomodação, reinterpretação e criação de novas formas, referenciadas em modelos africanos, que remete à construção de toda uma identidade étnica. Por meio das interações entre o nacional e o internacional, podemos construir visões a partir de perspectivas diversas sobre questões políticas, históricas e sociológicas de pessoas que foram colonizadas.

O imaginário eurocêntrico seleciona quais vozes são ouvidas e quais são silenciadas no mundo moderno colonial. Como Mignolo (2005) afirma, o colonialismo ainda está presente no mundo moderno e continua a excluir muitas vozes e experiências importantes.

O imaginário do mundo moderno/colonial surgiu da complexa articulação de forças, de vozes escutadas ou apagadas, de memória compactas ou fraturadas, de histórias contadas de um só lado, que suprimiram outras memórias, e de histórias que se contaram e se contam levando-se em conta a duplicidade de consciência que a consciência colonial gera. (MIGNOLO, 2005, p.40)

A colonização cria uma dupla consciência que se manifesta no imaginário dos colonizados. Mignolo (2005) reforça o argumento de W. E. B. Du Bois através do conceito dupla consciência que é construída através da imposição da imagem

"interior" pelos colonizadores, enquanto a imagem "exterior" é rejeitada como influência externa. Isso ocorre porque os colonizadores detêm o poder colonial e são responsáveis pela produção de conhecimento.

Segundo Mignolo (2005), a dupla consciência também se refere à divisão que os colonizados fazem entre sua cultura nativa e a cultura dos colonizadores. Essa divisão cria um sentimento de inferioridade em relação à cultura dominante e uma sensação de perda de identidade cultural.

Em resumo, a colonização gera um imaginário que é controlado pelos colonizadores e uma dupla consciência nos colonizados, que resulta em uma sensação de inferioridade cultural e uma desconexão com sua própria identidade. Ainda o autor comenta que

o sociólogo e intelectual negro W. E. B. Du Bois introduziu o conceito de “dupla consciência” que captura o dilema de subjetividades formadas na diferença colonial, experiências de quem viveu e vive a modernidade na colonialidade. [...], diz Dubois (1970), para quem não tem uma verdadeira autoconsciência, mas essa consciência tem de formar-se e definir-se em relação ao “outro mundo”. Isto é, a consciência vivida na diferença colonial é dupla porque é subalterna. A subalternidade colonial gera a diversidade de consciências duplas, não só a afro-americana, que é a experiência de Du Bois, mas também “a consciência que surgiu em Rigoberta Menchú” (1982) ou “a consciência da Nova Mestiça” em Gloria Anzaldúa (1987). (MIGNOLO, 2005, p. 40)

A partir desse ponto, é necessário que os povos africanos comecem a pensar a partir de sua geografia e tenham essa dupla consciência, sempre lembrando quem são os colonizadores e analisando os interesses por trás da colonização e o sentido de continuar subalterno a esse poder colonial. É essencial criar uma identidade interna para combater as influências eurocêntricas em vários aspectos, incluindo racial, cultural e econômico.

No campo das Relações Internacionais, as teorias econômicas usam o termo "países periféricos" para se referir aos países em desenvolvimento, que estão à margem dos países do centro econômico. É importante destacar que os países não desenvolvidos são frequentemente colocados à margem, como vozes a não serem ouvidas e, partindo desse pressuposto, é importante utilizar autores negros brasileiros para mostrar a visão histórica, cultural e sociológica dos amefricanos brasileiros.

Infelizmente, a presença de autores negros brasileiros nas referências e nas grades de ensino das universidades públicas ainda apresenta déficits significativos. Quando esses autores aparecem, geralmente são em matérias optativas, e muitas vezes são substituídos por autores norte-americanos ou europeus. Isso nos faz questionar: não existem autores negros brasileiros com referências internacionais, ou somos um país que precisa de aval internacional para valorizar nossos próprios autores?

Esse problema de representatividade precisa ser pautado no campo acadêmico. Autores brasileiros negros, como Lélia Gonzalez, José de Abdias do Nascimento, Milton Santos, Sueli Carneiro e Conceição Evaristo, têm grande relevância tanto nacional quanto internacional. No entanto, a maioria da população brasileira e dos países colonizados são doutrinados e incentivados a adotar pensadores externos, ao invés de olhar para a produção acadêmica interna.

Para mudar essa realidade, é necessário olhar da perspectiva interna, começando a produzir ciências internas e inserir nas grades escolares e acadêmicas para que o povo em geral conheça os autores sul-americanos. A escritora Ângela Davis fez uma observação pertinente durante sua visita ao Brasil, afirmando: "Eu aprendo mais com Lélia Gonzalez do que vocês comigo". Isso mostra como ainda estamos enraizados com as produções científicas americanas e europeias.

A maioria desses autores não está presente na grade de relações internacionais, embora existam várias correntes teóricas em RI. Além disso, os autores negros brasileiros têm produzido obras em diversas áreas, como "Por uma Outra Globalização", de Milton Santos, "Por um Feminismo Afro-Latino-Americano", de Lélia Gonzalez, que retrata a luta por inclusão dos negros, principalmente para as mulheres negras e latinas na luta pelo feminismo afro-latino-americano, e "Quilombismo - Documentos de uma Militância", de Abdias do Nascimento, que é uma das principais fontes de pesquisa sobre a luta panafricanista de Nascimento no movimento internacional da luta antirracista e mostra a resistência do povo negro.

Os autores negros brasileiros possuem um currículo acadêmico expressivo, com várias obras publicadas em diversas áreas, como política, economia, cultura, filosofia, antropologia e história, tanto nacional quanto internacionalmente. Não há justificativa para que eles não sejam incluídos na grade de Relações Internacionais, um curso multidisciplinar que deve fornecer uma visão mais ampla e diversa sobre o mundo. É necessária uma abordagem decolonial para entender e analisar as

relações internacionais sob a perspectiva dos autores negros brasileiros, que trazem uma visão diferente e enriquecedora sobre os países e suas culturas.

Segundo Moore (2002), Abdias é um aliado das necessidades dos negros brasileiros, e sua filosofia pan-africanista sintetiza todos os aspectos dessa prática, em que ação e reflexão caminham juntas e se recombina de forma seletiva, sempre partindo para novas desconstruções.

Nascimento assistiu à sua primeira conferência internacional, a Conferência Preparatória Pan-Africana em Kingston, Jamaica, em 1973, logo após ser exilado. A partir desse contexto, ele estabeleceu seu lugar na corrente do pan-africanismo, segundo a qual a cultura emite identidade e constitui um requisito fundamental do movimento dos povos historicamente oprimidos pela alienação racial e a escravização.

Um dos primeiros problemas enfrentados por Nascimento foi a questão da língua, já que a maioria das palestras era em inglês e não havia tradutores disponíveis para as falas do intelectual. De acordo com Costa (2021, p.14), “a língua é um sistema simbólico de representação do mundo, através do qual transmitimos e recebemos mensagens codificadas que contêm informação acerca da nossa percepção da realidade”.

Nascimento precisava denunciar o que estava acontecendo no Brasil na época e, em seu texto intitulado “Língua um obstáculo para a unidade”, ele questionou a dificuldade de transmitir sua mensagem aos receptores estrangeiros em suas lutas pan-africanistas. Segundo Nascimento (2021, pg.71), “os negros brasileiros têm permanecido do lado de fora e, para todos os efeitos práticos, têm sido barrados de participar nos assuntos pan-africanos e nas edificações da sua história”.

Na época, as duas línguas mais faladas na comunidade internacional eram o francês e o inglês, e apenas as elites linguísticas tinham acesso a esses cursos. Abdias descreve esse fenômeno como elitismo linguístico, que, segundo ele (ibid,2021, p.71-72), “obviamente ao lado dos outros, representa um dos motivos decisivos que impedem a presença e visibilidade dos negros brasileiros na arena das lutas internacionais dos seus povos”. No entanto, mesmo com dificuldades no aprendizado da língua estrangeira, Nascimento não desistiu de articular sua militância em prol dos negros brasileiros nas conferências internacionais pan-africanistas.

Enfim, Custodio (2011) de maneira geral, Nascimento adota a ideia de solidariedade e "comunidade" internacional por meio da esfera da cultura, absorvendo a concepção de Pan-Africanismo e diáspora. Essa visão inclui a valorização dos exemplos históricos do Brasil, a relação dos elementos culturais afro-brasileiros como herança africana e questões mais específicas dentro de seu discurso, como a adoção da língua portuguesa em fóruns e congressos internacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de conclusão de curso apresenta reflexões a partir dos argumentos do pensador negro brasileiro José Abdias do Nascimento, que desempenhou um papel importante na luta contra o racismo no Brasil e no mundo. Abdias se solidificou como um dos principais comunicadores da importância do pan-africanismo no Brasil, reagindo à penetração da estrutura social brasileira. Sua trajetória militante começou com a criação do Teatro Experimental do Negro e da Frente do Negro Brasileiro, em 1930, e foi influenciada pelo pan-africanismo durante seu exílio político (1968-1981). A pesquisa busca ressaltar a importância de Abdias do Nascimento na história do movimento negro brasileiro e mostrar como sua atuação continua relevante até hoje.

Conforme perspectiva de Abdias em sua trajetória, mostra como um intelectual negro afro-brasileiro mostrou sua luta desde dentro Brasil, em uma época que era pós-escravização, existiam raríssimo intelectual negro, e Nascimento começou perceber essa falta de representatividade de pessoas negras nos espaços de poder. Um dos primeiros espaços foram no exército pois ele percebeu que o negro era usado somente para fazer serviços braçal e não está em lugar de prestígio, e também pra o negro da época ser aceita era preciso alguém que indicasse.

Nascimento sempre participava de movimento sociopolítico, pois conforme a biografia mostrou que ele começou a ter consciência racial no dia a dia, ele começou a levantar questionamento sobre o modo de tratamento dos afro-brasileiros e os brancos, pois existiam diferenças tudo por causa do racismo que estava nas intuições estatais e no cotidiano.

o principal projeto nacional de Nascimento foi o Teatro Experimental Negro (TEN), como foi dito no resumo da biografia, Nascimento trouxe a representação do negro na arte, pois ele percebeu que essa representação era preciso, pois as artes cênicas não eram compostas com negros então ele cria esse espaço para o negro criar suas próprias peças deles através de sua experiências, com colocar o negro em protagonismo.

Em 1968, a Fairfield Foundation concedeu financiamento para Abdias do Nascimento, que recebeu uma bolsa de dois meses destinada a apoiar organizações culturais negras nos Estados Unidos. Com esse apoio, Abdias do Nascimento viajou

para os EUA naquele ano, no Brasil estava ocorrendo várias pressões políticas, O golpe militar ocorrido em 31 de março de 1964, que depôs o presidente João Goulart, marcou o início da Ditadura Militar no Brasil. Esse regime autoritário, que durou 21 anos (1964-1985), restringiu os direitos políticos, estabeleceu a censura à imprensa e perseguiu os opositores do regime por meio de ações policiais.

Nessa época como foi mostrado não aceitava essa pauta raciais, era consideradas subversivas, então Nascimento não pode voltar ao Brasil, pois seus discursos iam de contra aos princípios que a ditadura militar, percebe-se que isso era racismo embutido dentro desse sistema autoritário. Com isso ele ficou no Estados Unidos e continuou sua luta antirracista.

A principal ocupação de Nascimento foi a de artista plástico e professor universitário com atuação internacional. Em 1971, tornou-se professor titular na State University of New York, em Buffalo. Como artista, organizou inúmeras exposições pelos Estados Unidos desde 1969. A inserção de Nascimento na academia norte-americana pode ter sido facilitada pelo clima relativamente receptivo a novos campos do conhecimento durante as décadas de 1960 e 1970, bem como pelo interesse das instituições em construir conexões com as culturas latino-americanas. É importante notar que a identidade inicial de Nascimento era a de um artista, e sua reputação de estudioso desenvolveu-se posteriormente.

Graças à sua posição como professor universitário e ao prestígio social e profissional associado a ela, Nascimento conseguiu ampliar seu ativismo negro participando de congressos e seminários internacionais. Entre 1973 e seu retorno ao Brasil, sua participação em tais eventos foi fundamental para a redefinição de seu discurso ideológico e para a construção de sua imagem pública.

As implicações ideológicas dessa virada se refletem em sua obra. O encarte apresentará o diálogo de Nascimento com o meio externo, buscando vincular suas pautas sobre a cultura negra à história de discriminação e resistência dos negros brasileiros como parte do conceito de diáspora. Nesse recorte, Nascimento reproduz a retórica mais radical em torno da democracia racial, que hoje é mais que um mito ou uma mentira ideológica: é uma tática cultural de genocídio negro. Essa questão também é colocada em uma perspectiva transnacional: a cultura afro-brasileira faz parte da diáspora.

Esse argumento de fundo ideológico permitiu a Nascimento traçar paralelos entre a experiência do Brasil e a de outros países com problemas raciais em outras

dimensões, como Estados Unidos e África do Sul. Nesse sentido, seu discurso ideológico na obra seguinte intitulada “Trabalho de Consolidação” visa constituir uma unidade de identidade negra transnacional por meio da qual os afro-brasileiros serão refletidos culturalmente nos negros africanos. Parte do significado dessa estrutura vem da maneira como Nascimento absorveu as ideias do pan-africanismo: como uma lente de solidariedade política-identitária, através da esfera cultural, ao invés de uma doutrina política como o ponto focal da maioria dos intelectuais africanos de quem Nascimento estava inspirado.

O discurso do "exílio" associado a visões pan-africanistas aparece em suas declarações para Memórias de um Exílio (1976). Ali, Nascimento definiu sua situação como “um exílio de outra natureza”, um “exílio estrutural” devido à sua condição de africano, dizendo: “Hoje mais do que nunca entendo que nasci no exílio” (Nascimento, 1976, p. 25). O discurso em torno da opressão histórica dos negros, sua transferência forçada para outros territórios fora do continente africano, fundamenta essa representação. De fato, a construção dessa imagem faz mais sentido se vista sob a ótica das intenções de Nascimento de abordar o ativismo internacional na época.

Sobre a obra quilombismo, que foi o principal foco da pesquisa, percebemos que a obra foi construída quando o autor estava no Estados Unidos e suas conexão com pan-africanismo, pois o a obra trazem denúncias da escravização contrapondo a ideia de democracia racial e o conceito quilombismo se dar em um projeto sobre um “Estado Nacional Quilombista” visando que nesse estado não haveria discriminação racial e existia o comunalismo que era uma sistema comunitário que algumas comunidades africanas adotavam.

Enfim, O conceito de Quilombismo é importante para entender a experiência de Nascimento durante o autoexílio, mas ele reflete mais uma continuidade do que uma novidade em relação ao que já havia sido estabelecido naqueles anos. Acreditamos que este conceito só poderia ter sido criado por alguém com reconhecimento social como líder de ativismo e reflexão, dentro das expectativas de receptividade que cercam suas ideias. Nesse sentido, suas obras de inserção marcaram esse papel, tanto no contexto internacional quanto em sua imagem no Brasil, perante a nova geração do ativismo negro.

REFERÊNCIAS

BRASIL DE FATO. Em São Paulo, **Angela Davis pede valorização de feministas negras brasileiras**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/10/20/em-sp-angela-davis-pede-valorizacao-de-feministas-negras-brasileiras>. Acesso em: 16 mar. 2022, às 23h43.

BARBOSA, Muryatan Santana. Pan-africanismo e relações internacionais: uma herança (quase) esquecida. **Carta Internacional**, v. 11, n. 1, p. 144-162, 2016.

CUSTODIO, Tulio Augusto Samuel; SILVA, Marcia Regina de Lima. **Construindo o (auto) exílio**: trajetória de Abdias do Nascimento nos Estados Unidos, 1968-1981. 2012.

DE SOUZA FILGUEIRA, André Luiz; SILVA, Mary Anne Vieira. AFROCENTRICIDADE, QUILOMBISMO E COLONIALIDADE DO PODER. **Revista Temporis** [ação](ISSN 2317-5516), v. 19, n. 2, p. 17-17, 2019.

DIOUF, Mamadou; MBOJI, Mohamad. **The shadow of Cheikh Anta Diop**. In: MUDIMBE, V. (ed.). *The surreptitious speech: Présence Africaine and the politics of otherness (1947-1987)*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Fundação de apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 2005. p. 232.

HASENBALG, Carlos. **“Discriminação e desigualdades raciais no Brasil”**. Rio de Janeiro, Graal, 1979

KÖSSLING, Karin Sant. Anna. O discurso policial sobre o afrodescendente. **Revista Histórica** (publicação trimestral do Arquivo do Estado de São Paulo e da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo), número 15 julho/agosto/setembro de 2004. Disponível em http://www.arquivoestado.sp.gov.br/historica/edicoes_anteriores/pdfs/historica15.pdf. Acesso em 16 de Mar. 2022.

LÉLIA GONZALEZ, ONIPRESENTE, 2021. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/lelia-gonzalez-onipresente/>. [Acesso em: 06, novembro 2021].

MACEDO, Márcio José. Abdias do Nascimento: **A trajetória de um negro revoltado (1914-1968)**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade de São Paulo, 2005, 285 o.

MESESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. Almedina, 2009. Parte I, Cap. I, p. 23-72.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. A colonialidade do saber: eurocentrismo e

ciências sociais. **Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: **Clacso**, p. 71-103, 2005.

MOLL, H. & Meltzoff, A., N. (2011). **How Does It Look? Level 2 Perspective-Taking at 36 Months of Age**. *Child Development*, 82 (2). 661–673.

MOORE, Carlos. Prefácio: Abdias do Nascimento e o surgimento de um pan-africanismo contemporâneo global. Pag 17-32, in: **O Brasil na Mira do Pan-africanismo**. Salvador: EDUFBA: CEAO, 2002. 344 p.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Brasil na mira do pan-africanismo/ Abdias do Nascimento**, 2 ed, das obras O Genocídio do negro brasileiro e Sitiado em Lagos. Salvador: EDUFBA: CEAO, 2002. 344 p.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. Selo Negro, 2013.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**. Editora Perspectiva SA, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. 1980.

NASCIMENTO, Abdias e SEMOG, Éle. **Abdias do Nascimento: o griot e as muralhas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

NASCIMENTO, Abdias. Disponível em: <http://www.oziris.pro.br/enviados/2013124111411.pdf> Acesso em: 16 mar. 2022, às 23h43min.

NASCIMENTO, Abdias. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/personalidades/abdias-nascimento/> Acesso em 16/03/2022 23: 59

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Introdução às relações internacionais: temas, atores e visões**. Editora Vozes Limitada, 2017.

PEREIRA, André Luiz. **O pensamento social e político na obra de Abdias do Nascimento**. UFRS, 1998.

POLICE, Gerard. **Abdias do Nascimento: L' Afro – Brésilien reconstruit**. 1914 – 1944. 200. (Volume I e II) Tese (Doutorado) – Departamento de Portugais, Université Rennes 2 Haute Bretagne. França

PERSONALIDADES, 2021. Disponível em: < <https://ipeafro.org.br/personalidades/abdias-nascimento/>>. [Acesso em: 06, novembro 2021].

REPENSANDO AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS / Fred Halliday; tradução de Cristina Soreanu Pecequilo; consultoria técnica da tradução de Paulo Fagundes Visentini. - 2.ed. -Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

RATTS, Alex; RIOS, Flavia. **Lélia Gonzalez: retratos do Brasil negro**. Selo Negro, 2010.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio**. In: _____ **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.46-60.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do Pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa;

SANTOS, Boaventura de Souza. **Para além do pensamento abissal**. In: Novos Estudos/ CEBRAP, 2007, p. 71-94.

SILVA, MLAM. Casa Grande & Senzala e o mito da democracia racial. 39º Encontro Anual da Anpocs. **Cadernos de Pesquisa**, p. 5-15, 2015.

SILVA, W. B. C. da. A LUTA PELOS DIREITOS CIVIS NOS ESTADOS UNIDOS. **Revista Ibero-Americana de Humanidades**, Ciências e Educação, [S. l.], v. 7, n. 9, p. 414–423, 2021. DOI: 10.51891/rease.v7i9.2224. Disponível em: <https://www.periodicorease.pro.br/rease/article/view/2224>. Acesso em: 2 abr. 2023.

UOL. Abdias do Nascimento, **ativista do movimento negro, morre aos 97 anos no Rio de Janeiro**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/05/24/abdias-nascimento-ativista-do-movimento-negro-morre-aos-97-anos-no-rio-de-janeiro.htm> Acesso em: 16 mar. 2022, às 23h43.